

**Cadernos
Salesianos**

O carisma salesiano feminino em **Santa Maria Domingas Mazzarello**

21

Maria da Glória Almeida
Rosetta Marchese
Maria Esther Posada



**O CARISMA SALESIANO FEMININO
EM
SANTA MARIA DOMINGAS MAZZARELLO**

CADERNOS SALESIANOS

São uma tentativa de resposta da Editora Salesiana Dom Bosco ao pedido insistente dos membros da Família Salesiana no Brasil de terem acesso mais fácil à literatura salesiana tão rica destes últimos anos, especialmente a partir do Concílio Vaticano II. O objetivo é publicar, em fascículos, pequenos estudos, seleções ou sínteses de livros, palestras e ensaios, sobre assuntos de vida e espiritualidade salesiana. Um instrumento de trabalho, portanto, bem familiar e sem pretensões, que quer somente ser útil para aprofundar os valores da identidade salesiana no mundo de hoje e no Brasil de agora.

1. Viganò, E., O Carisma de Dom Bosco
2. Dho, J., A Assistência Salesiana
3. Vários, O Amor Educativo
4. Tonelli, R., O Sistema Educativo de Dom Bosco nas Associações e nos Centros Juvenis
5. Groppo, J., Vida Sacramental, Catequese, Formação Espiritual: Elementos Essenciais do Sistema Preventivo.
6. Scrivo, C., A missão salesiana como resposta às esperanças dos jovens de hoje
7. CC.SS., Manual para os Dirigentes e Guia para a Formação
8. J. Gozzelino, Dom Bosco era o seu projeto
9. E. Viganò, Nossas Regras ou Constituições
J. Aubry, A Santidade Salesiana: Santidade Apostólica
10. F. Láconi, O Ideal Missionário à Luz da Bíblia
11. G. Lopes, O Santo do Trabalho e a Atual Teologia do Trabalho
12. J. Aubry, Como ser Educador Cristão
13. P. Brocardo, o Diretor Salesiano
14. J. Vecchi, A Participação dos Leigos nas Escolas Salesianas
15. J. Aubry, Os Princípios Educativos de Dom Bosco
16. J. Vecchi, Para Reatualizar o Sistema Preventivo
17. J. Aubry, O Compromisso Missionário
18. A. Pianazzi, Santidade Salesiana Sacerdotal-Missionária
19. A. Favale, O Primeiro Impulso Missionário da Sociedade Salesiana
20. M. Cogliandro, Um convite caloroso e urgente: Jovens Cooperadores Salesianos.
21. Várias, O Carisma Salesiano Feminino em Santa Maria Domingas Mazzarello.

Outros em preparação.

3 H 17.1

MARIA DA GLÓRIA ALMEIDA
ROSETTA MARCHESE
MARIA ESTHER POSADA

O CARISMA SALESIANO FEMININO
EM
SANTA MARIA DOMINGAS MAZZARELLO



EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
São Paulo — 1981

APRESENTAÇÃO

● 14 de maio de 1981 assinala o 1.º centenário do falecimento de S. Maria Domingas Mazzarello. A data oferece a oportunidade de um encontro mais profundo com a co-fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora. Este número dos cadernos salesianos quer introduzir-nos no santuário de sua alma, para que admiremos as riquezas espirituais com que a graça a adornou.

É sobre a humildade autêntica que soem baixar os olhos do Senhor. Foi assim que aconteceu com a maior das mulheres, a Mãe de Deus. Foi assim com outra Maria, a humilde costureira de Mornese. O Senhor foi preparando-a no silêncio recolhido de uma associação de moças para com Dom Bosco partilhar de um mesmo carisma, destinado à educação da juventude feminina.

Esboçando rapidamente a biografia de Maria Mazzarello, o estudo de Ir. Glória faz-nos acompanhar seu crescimento espiritual. Nele se empenhou desde menina, abrindo-se por inteiro à ação da graça. A esse crescimento juntou-se como consequência iniludível o desejo de compartilhar com outras a alegria indefinível da vida com Deus. E o céu facilita-lhe a realização do seu ideal, fazendo com que seu caminho se cruze com o de Dom Bosco. Ainda não se conheciam e já um bilhetezinho de Dom Bosco, que acompanhava duas medalhas para ela e para Petronila, recomendava: “Rezem, mas façam à juventude todo o bem possível”. A Associação das Filhas da Imaculada foi o núcleo da nova congregação, que cuidaria das meninas, como Dom Bosco cuidava dos meninos. Com o mesmo espírito, com a mesma dedicação, com a mesma visão pedagógica. Dom Bosco, com a abundância de dons com que o Senhor o galardoou; Mazzarello, “com a originalidade bem feminina que marcou o início do seu Instituto”. Duas grandes almas. Tão diversas. Tão iguais. Os parágrafos finais retratam a figura moral da santa. Há muito que descobrir, meditar e... imitar.

● “Maria Domingas Mazzarello, experiência feminina do carisma salesiano”, de Madre Rosetta Marchese, focaliza de maneira sintética o mesmo tema. Dá-nos também um perfil da santa para que melhor se perceba como entendeu o espírito salesiano e o inculcou às suas colaboradoras. Em frases rápidas

e precisas, delineiam-se no final do artigo as características de Mornese ou da salesianidade feminina.

● *O terceiro artigo é um extrato da Introdução às “Lettere di S. Maria Domenica Mazzarello”. As cartas não têm, de ordinário, pretensão literária. Nelas externamos mais desinibidamente nossos sentimentos, somos mais nós mesmos. Também Mazzarello revela-se de corpo inteiro na sua correspondência. Quando inculca a fé, a caridade, a humildade, a alegria... há verdadeiras intuições escondidas sob a linguagem mais simples possível. Como diz o Cardeal Garrone no prefácio: “Essas cartas nos fazem claramente entender de que tempera seja uma maternidade espiritual, quando Deus a inspira. Ela não discursa, não argumenta, vive e comunica a vida”.*

OS EDITORES

O CARISMA SALESIANO FEMININO
EM
SANTA MARIA DOMINGAS MAZZARELLO

Ir. Maria da Glória Almeida

I N T R O D U Ç Ã O

A oportunidade que tive de realizar este estudo veio satisfazer meu antigo desejo de um encontro em maior profundidade com a nossa Santa Co-fundadora, Maria Mazzarello. Embora envolta em sua peculiar simplicidade, sempre a entrevi como uma grande figura de mulher, encarnada no seu tempo, extremamente aberta aos valores espirituais.

É preciso redescobrir a mulher que foi Santa Maria Domingas Mazzarello, para encontrarmos o perfil, a fisionomia da verdadeira Filha de Maria Auxiliadora. Há muito a descobrir naquela que foi escolhida por Dom Bosco, grande conhecedor da pessoa humana, para ser a primeira F.M.A., a iniciadora de um novo ramo feminino de Vida Religiosa na Igreja.

Sua originalidade bem feminina marcou os inícios do Instituto das F.M.A. Seria injusto pensar que tenha sido mero instrumento passivo nas mãos de Dom Bosco. Injusto para com Maria Mazzarello, mas também para com Dom Bosco, que sempre se distinguiu pelo respeito ao outro. Através da História, é fácil notar como ele vai deixando que a Superiora tome a direção e o governo do incipiente Instituto, e aja.

Justamente aí que a personalidade forte e humilde de Maria Mazzarello se agiganta e reveste-se das qualidades de uma verdadeira líder religiosa feminina.

O campo de reflexão é vasto e pouco explorado. Nossa tarefa quer ser uma tentativa, sem grandes pretensões, de abordar o tema. Posso afirmar que o trabalho proporcionou-me íntima alegria, questionamento e tomada de posição.

O meu muito obrigada a quantos me impulsionaram com a palavra, testemunho e colaboração direta.

1. DEUS PREPARA O CAMINHO DO INSTITUTO — MARIA MAZZARELLO

Todo homem está inserido no tempo e no espaço, tomando parte ativa na construção da História e sofrendo ao mesmo tempo as influências dominantes e características da época em que vive.

Para estudar e conhecer uma determinada pessoa, é preciso ter alguma informação sobre o seu contexto social, cultural e religioso.

Em Mornese, uma pequena cidade italiana, no dia 9 de maio de 1837, nasceu Maria Domingas Mazzarello.

A pequena sociedade mornesina insere-se na grande sociedade italiana; portanto, é importante uma rápida resenha da situação política, social, econômica e espiritual da Itália do século XIX.

Situação da Itália no século XIX

A Batalha de Waterloo, no início do século, representou o fim da carreira militar de Napoleão e de sua hegemonia bélica na Europa. O Congresso de Viena libertou a Itália, provocou reação e luta pela conquista do regime constitucional e libertação do jugo austríaco.

Ao contato com os austríacos, o povo italiano havia enxergado o que era grandeza e sentimento de segurança, e isto fez nascer os ideais de liberdade e patriotismo na defesa dos direitos do homem. Para unificar a Itália era necessário expulsar os austríacos e conquistar Roma, cujo reino era dirigido pelo Papa.

Surgiram, então, os movimentos liberalistas que contavam com o apoio dos intelectuais e cujas metas eram:

- a libertação do jugo austríaco,
- reforma ou extinção dos governos absolutistas,
- a reconstrução da unidade política italiana.

Estes movimentos republicanos e revolucionários eram elaborados nas sociedades secretas então existentes. Dentre estas sociedades secretas nascidas com o objetivo de libertar a Itália do domínio de Roma, distinguiu-se a maçonaria com influência marcante principalmente sobre os jovens. Agiam silenciosamente, não se preocupavam com sucessos imediatos, mas visavam seduzir a juventude, atraindo-a delicadamente a diálogos sérios, e assim penetrar nas famílias, escolas e seminários, confundindo as idéias cristãs com o nacionalismo exacerbado.

Difundia-se também, na Itália, a heresia jansenista que, partindo de seus falsos princípios sobre a Graça, inculcava no povo temor pelos sacramentos, principalmente pela Eucaristia, e afastava desse modo as pessoas da frequência aos sacramentos. E não só, mas — perigo gravíssimo! — limitava a autoridade da Santa Sé em favor de um episcopado e de autonomias de Igrejas nacionais, desagregando a unidade da Igreja.

“Após os êxitos franco-sardos de 1859 em Magenta e em Solferino contra a Áustria, que haviam dado a Lombardia ao Piemonte, outras regiões da Itália se haviam insurgido e votado sua incorporação ao Estado Sardo. Quando, em 1861, o primeiro parlamento italiano proclamou a Vítor Emanuel II rei da Itália, para a perfeita unidade faltavam apenas Veneza, que pertencia à Áustria, e Roma, protegida pelas tropas de Napoleão III. A Itália receberia Veneza em 1866, graças à vitória da Prússia sobre a Áustria em Sadowa, mas se deverá esperar até 1870 para que o exército italiano, aproveitando-se da guerra franco-alemã, ocupe Roma, que se tornará assim a capital da Itália unificada” (1).

A Itália vivia um período de tensão: jurar lealdade a um Estado, que se tornará anticlerical por força de situação, ou aderir à Igreja e ao Papa.

Podemos dizer que, nesse período, sob o legítimo pretexto da independência e unificação italianas, fazia-se uma política baseada em falsos princípios, em atos desonestos, numa luta aberta e contínua contra Roma, o Papa, a Igreja e Deus.

No campo econômico, surge a grande Revolução Industrial. A economia, até então baseada na agricultura, cedia lugar a uma economia industrial. Era o despontar do capitalismo. O homem começava a dar prioridade ao lucro, à produção, relegando a segundo plano a pessoa humana. Tal época foi marcada por uma profunda exploração do homem pelo homem.

Neste contexto, como resposta do céu, nasceram Dom Bosco e Maria Mazzarello, dedicados inteiramente à juventude e à defesa da Igreja e do Papa.

Mornese e Maria Mazzarello

Situa-se entre as colinas de Monferrato e, na época do nascimento de Maria Mazzarello, não possuía nenhuma importância comercial, estando quase que desligada do resto da civilização, devido à sua localização distante de qualquer rede ferroviária.

Em 1837, contava com 1.220 habitantes. Todos amantes daquela terra — fonte de suas rendas — e de uma vida serena e simples, onde o relacionamento entre as pessoas era primário, baseado na solidariedade humana.

A família era uma verdadeira escola de vida onde as crianças eram formadas, educadas e lançadas para a realidade.

A economia mornesina repousava na agricultura, no cultivo das vinhas e dos campos. Portanto, era uma sociedade rural, cuja riqueza residia nos vinhedos.

A vida cultural era pobre. Mornese não possuía escolas a não ser a escola dominical: o catecismo da paróquia. Empenhados no campo desde o nascer do sol até o seu ocaso, os mornesinos não tinham tempo suficiente para a aquisição de uma cultura, mesmo a mais elementar.

Maria Mazzarello é fruto deste contexto social e cultural. Não sabia escrever, aprendeu os rudimentos da leitura com o pai e a escrever depois de religiosa. E pensar que Deus a escolheu para ser iniciadora de um Instituto todo dedicado à educação!!!

Como vimos, o ambiente cultural de Maria Mazzarello era simples, sem grandes pretensões. Se olharmos porém com um pouco de profundidade, veremos que era muito rico do “sentido” da presença de Deus. Os mornesinos que tiveram em padre Pestarino, como pároco, um destemido e perspicaz orientador, sabiam enxergar e perceber Deus nos acontecimentos diários, possuíam uma piedade sólida, amavam o Papa e seus representantes.

Nossa Senhora Auxiliadora ocupava um lugar de destaque no coração de cada habitante de Mornese, pois Ela os havia ajudado em duas situações calamitosas: nas guerras napoleônicas de 1812 e na epidemia de cólera em 1836.

Assim, em reconhecimento a Maria Santíssima, foi erguida, a poucos passos da casa onde nasceu Maria Mazzarello, uma pequena capela dedicada a Maria Auxiliadora.

Ainda hoje se encontra em Mornese uma imagem de Maria Santíssima, sob o título de Auxiliadora dos Cristãos, pintada na parede de uma casa, próxima àquela onde morou Maria Mazzarello e que lembra o antigo costume dos mornesinos de, assim, expressar sua gratidão a Maria.

Por um amoroso cuidado da Providência, a pequena Maria aprendeu, desde a primeira infância, a invocar Nossa Senhora.

No seu coração ressoou o nome da Auxiliadora, da qual, um dia, seria a primeira Filha ⁽²⁾.

Alguns sociólogos afirmam que a juventude é o reflexo da sociedade na qual se insere; portanto, defendem a tese da reciprocidade de influências entre juventude e sociedade. Podemos aplicar tal princípio a Maria Mazzarello, porque ela é fruto de uma sociedade que soube dar-lhe condições para o desabrochar de algumas de suas potencialidades que, mais tarde, fizeram dela um elemento revitalizante para a mesma sociedade mornesina.

Maria Mazzarello foi uma resposta ativa e dinâmica aos estímulos oferecidos pela sociedade local; foi uma força nova, um impulso para a vida social, econômica e de fé do povoado.

Seus pais: José Mazzarello — Madalena Calcagno

Toda existência exige o outro, pois o homem é um “ser com”, aberto às coisas e ao mundo, para sobreviver.

A personalidade humana tem origem social, precisa do outro para a realização das dimensões ética, religiosa e afetiva.

Estudando Maria Mazzarello, sentimos a presença de pessoas que a marcaram.

José Mazzarello

O pai, homem simples, camponês honesto, rico da simplicidade evangélica, de natureza calma e séria. Seus conterrâneos descreveram-no como homem de fé, assíduo freqüentador da Igreja, sócio da Conferência de S. Vicente de Paula e um dos primeiros mornesinos a aceitar o convite de P. Pestarino para a freqüência à Eucaristia.

Apesar de não possuir conhecimento algum de psicologia infantil, reconhecia a necessidade da figura paterna para a educação integral de seus pequenos. Por isso foi para eles presença ativa e dinâmica, sabendo unir firmeza e doçura. Com sua esposa, dividia as fadigas, as alegrias e a formação das crianças, confiando a ela a tarefa de fazer desabrochar nos tenros corações as primeiras sementes da virtude. Sabia interferir na hora exata com sua autoridade paterna, corrigindo os pequenos caprichos infantis, procurando ser exemplo vivo de oração, trabalho, alegria e entrega.

No matrimônio dois seres humanos... “caminham juntos para Deus, numa só carne, produzindo frutos preciosos de vida, destinados a alegrar eternamente a casa do Pai” ⁽³⁾.

Maria foi o primeiro presente que Deus lhe confiou. Seu desejo era manter aquele dom íntegro, enriquecendo-o sempre mais, para apresentá-lo um dia ao Senhor dos Senhores. Conhecendo sua natureza forte, quis segui-la mais de perto para abrandar aquele caráter impetuoso, rico de energias. Por isso jamais a perdia de vista, porque a queria obediente, piedosa, mortificada e modesta, pronta para enfrentar as lutas sem desânimo e com espírito de fé. Soube despertar nela o desejo de Deus e dar-lhe segurança, por meio de respostas precisas e exatas, brotadas da sua experiência.

“... — O que Deus fazia antes de criar o mundo?”

— O que fazia? Contemplava a si mesmo, amava a si mesmo e era feliz em si mesmo” (4).

Era costume da época a frequência da juventude às feiras. Maria Mazzarello era moça do seu tempo e também ela gostava desses encontros alegres... e o pai a acompanhava. Sempre atento, porém, desviava-a de toda situação que pudesse prejudicá-la, aproveitando para fortalecê-la em suas convicções, tornando-a mais aberta e forte na Verdade, fazendo-a ver, criticar, julgar (5).

Suas reflexões, fruto de personalidade reta e leal, abriram à filha querida um horizonte de profunda espiritualidade, de paz própria dos simples e dos puros.

Madalena Calcagno

Maria Mazzarello herdou do pai a mansidão, a retidão e a alegria; de sua mãe, a fortaleza, a fé. Porém, é herança dos dois a vida de piedade e a constante intimidade com o Senhor.

Sua mãe era de caráter diverso do de José: uma mulher de fé, toda entregue a Maria Santíssima, de caráter firme e resoluta.

Sabia dirigir o lar com firmeza e, ao mesmo tempo, com brandura. Com seu exemplo de mulher, na doação e na entrega à família, mostrou à filha que o Amor exige sacrifícios, renúncias de si própria, o pensamento sempre fixo no outro, o serviço na alegria, não procurando recompensas ou satisfações pessoais.

Madalena fez Maria perceber o importante papel da mulher no lar, visando a futura mãe.

Foi ela quem lhe ensinou a amar Maria Auxiliadora, a rezar as orações diárias e iniciou-a na vida sacramental.

Seu Diretor Espiritual: P. Domingos Pestarino

Natural de Mornese, teve papel preponderante na vida de Maria Mazzarello, pois foi ele quem a dirigiu e guiou, descobrindo

naquela simples camponesa o olhar amoroso de Deus e a missão que Ele reservava-lhe.

Era muito amado pelos mornesinos que o descreviam do seguinte modo: homem de fé, destemido e todo entregue ao Senhor, que se gastava inteiramente pelo Reino, não medindo sacrifício; austero consigo mesmo, mas todo bondade para com o outro. Grande foi sua contribuição para o desenvolvimento de Mornese.

Profundamente humilde, amante dos sacramentos, distinguia-se na habilidade em dirigir espiritualmente. Neste campo era exigente, não se contentava com pouco e orientava as pessoas com energia viril. Todos os seus filhos espirituais eram conduzidos pela via da abnegação e da freqüência aos sacramentos.

No início da sua vida sacerdotal, era secular. Mais tarde, atraído pelo espírito de Dom Bosco, fez-se salesiano e, a pedido dele, nunca abandonou sua paróquia, também com a finalidade de orientar as futuras F.M.A. Possuía em si o carisma salesiano: era alegre, amante da Eucaristia, de Maria Santíssima e do Papa.

Maria Mazzarello, adolescente, passou a freqüentar a escola dominical de P. Pestarino, que logo intuiu o fervor daquela menina que estava diante dele, atenta e pronta ao catecismo e, ao mesmo tempo, tão empenhada em saber quanto a ajudar as companheiras a compreendê-lo. Ele percebeu que tinha diante de si alguém que precisava ser podada, cuidada, para desabrochar em santidade. Nesta idade, Maria Mazzarello afirmava:

“— Nas aulas de catecismo, não quero ser passada para trás por ninguém”⁽⁶⁾.

Esta atitude de discípulo que quer aprender é a nota característica de quem recebeu uma grande missão.

A primeira ação de P. Pestarino na vida espiritual de Maria, foi aceitá-la precocemente à primeira Eucaristia porque a reconheceu madura para assumir um compromisso com o Senhor Eucarístico, permitindo-lhe também a freqüência aos sacramentos.

“Um dia, eu trabalhava com alegria na vinha, amarrando os brotos da videira. Mas aqueles brotos pareciam não ter fim. Num certo momento, tomada pela impaciência, peguei a foice e, em vez de prendê-los à videira, cortei-os todos... P. Pestarino, quando soube, disse-me: ‘Quem sabe quanto poderiam valer, e quantos cachos poderiam ter dado?’”⁽⁷⁾. Estas palavras textuais de Maria Mazzarello nos fazem perceber que P. Pestarino não se contentava facilmente e que a tratava com energia viril. Com o passar do tempo, ele ia descobrindo cada vez mais os seus segredos e percebendo a que grau de perfeição aquela menina poderia chegar; tornava-se cada dia mais exigente. Sem saltos, nem interrupções, sem pressa de resultados imediatos, guiava-a para

uma vida de santidade. Levou-a, assim, à libertação da gula e do sono e ao fortalecimento da vontade.

A juventude de Maria Mazzarello

Como vimos, desde criança Maria Mazzarello fora despertada para a necessidade de corrigir-se, pois era dotada de caráter forte e resoluto. Sua impetuosidade devia ser atenuada com a bondade, com a delicadeza. Seu critério e maneira reta de julgar os acontecimentos e suas convicções profundas deveriam ser orientadas pela humildade e a docilidade, para não se tornar autoritária e prepotente. A vontade de vencer e sobressair poderia torná-la superficial, pouco respeitosa com os mais velhos, e sua paixão pelo trabalho poderia transformá-la em simples ativista.

A confissão custava-lhe, a homilia irritava-a. Tanto que ela mesma contava que, ao ouvir o festivo som dos sinos, “alegrava-se momentaneamente com ele, mas depois perturbava-se, porque a festa extraordinária trazia também a confissão e o sermão”⁽⁸⁾.

Com o passar do tempo, graças à interferência amorosa e enérgica da mãe, Maria venceu tal repugnância e de bom grado passou a frequentar os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, reconhecendo a necessidade da orientação de P. Pestarino, o qual desejava que ela suportasse os próprios defeitos sem lamentações, não rejeitasse alguém por antipatia, moderasse o seu caráter bastante vivaz e autoritário e não proferisse palavras ou atos de impaciência, mesmo quando só, e que se afastasse dos perigos e trabalhasse sempre para a maior glória de Deus.

Para Maria era fácil amar a Deus; porém, quantas violências teve de fazer para vencer o seu caráter irrequieto!

“Quando a contrariavam, viam-na ficar com o rosto vermelho e toda a sua pessoa tremia para reprimir e vencer a necessidade de extravasar todas as suas razões”⁽⁹⁾.

Possuía, porém, uma vontade decidida para dominar-se e vencer-se a todo custo e, aos poucos, ajudada pela graça de Deus, as linhas de seu caráter foram ficando mais maleáveis e o seu tom, autoritário e prepotente, tornou-se amável e acolhedor.

Na igreja, sua atitude era reservada, respeitosa, costumava escolher um lugar um pouco escondido, porque era contrária às manifestações exteriores de piedade.

“Agradava-me ser boa, mas sem ficar todas aquelas horas na igreja e chamar a atenção dos outros”⁽¹⁰⁾.

Essa confiança de Maria Mazzarello a sua amiga Petronila sintetiza o seu programa de vida: amar o bem, fazê-lo com toda a intensidade, mas fugindo de toda ostentação.

Como toda jovem, gostava de ser elegante, bonita e até de... chamar a atenção sobre si; e para isso procurava sempre vestidos que a tornassem mais esbelta e bonita. Seu diretor espiritual, porém, exigia-lhe muita simplicidade no vestir.

Nesta época, Maria encontrou-se com Petronila:

“Ainda éramos bastante jovens... um dia chamou-me e disse: Posso dizer-lhe uma coisa? Por que você não me convida para rezarmos juntas? (anteriormente já nos havíamos encontrado à porta da igreja, ainda fechada). Rezemos juntas, porque a oração em comum possui maior valor”⁽¹¹⁾.

E, desse momento em diante, as duas jovens tornaram-se grandes amigas. Uma amizade sólida, fundamentada na oração e na perspectiva de um vasto ideal, ainda desconhecido para as duas.

Eram de caráter diverso: Maria, vivaz, entusiasmada, ativa e líder. Petronila, calma, sem grandes iniciativas, mas desejava de entrega e doação. Tinham em comum o grande amor a Deus, a piedade sólida e a vontade de engajamento apostólico.

Petronila sabia ler e escrever, havia aprendido com seu pai, Sr. Francisco, ex-seminarista, professor da aldeia e ótimo cristão, que ensinou também a Maria Mazzarello os primeiros rudimentos da escrita.

Desde menina, Maria Mazzarello via no trabalho uma possibilidade de oração. Santificava-o, oferecendo-o ao Senhor. Conservou a atividade, fazendo com presteza o seu dever “a tempo e lugar” por toda a vida. Mais tarde, Superiora Geral das F. M. A., continuou a lavar e a trabalhar como qualquer outra irmã, tanto que as suas filhas declararam: “Nenhuma de nós consegue fazer tanto como a Madre Geral, que trabalha por três”⁽¹²⁾.

O amor da jovem Maria crescia sempre mais. O Senhor irrompe em sua vida como libertação e Absoluto, suscitando-lhe uma imensa vontade de ser de Deus e para Deus.

Na idade do grande fervor, compreendida entre 12 e 17 anos, fez voto de virgindade perpétua. Disto temos conhecimento através de suas palavras às companheiras, Filhas da Imaculada, que diziam ter pedido ao confessor a licença para fazer o voto de virgindade.

“Não entendo por que lhe pedem isto e por um determinado tempo. Eu nunca pedi nada a ninguém e o fiz para sempre”⁽¹³⁾.

Maria Mazzarello progredia com ardor crescente, tornando-se dia a dia mais disponível à ação santificadora, que irrompia nela com vigor.

Havia aprendido, no catecismo, que a missa é o maior louvor a Deus e, a partir da sua consagração íntima ao Senhor, passou

a centralizar sua vida no sacrifício eucarístico. Mais tarde, escrevendo a uma jovem educanda, dirá:

“Você comunga sempre? Receba Jesus com amor, pois Ele muito a ama”⁽¹⁴⁾.

Participar da missa quotidiana tornou-se lei em sua vida. A igreja ficava distante de sua casa, o caminho difícil, principalmente quando chovia ou nevava. Ela, porém, sentia a necessidade do Senhor e não podia ficar sem Ele e por isso não media sacrifícios para ir recebê-lo.

Seus conterrâneos afirmavam: “A igreja ficava distante do vilarejo e Maria, por temer chegar atrasada à missa, mortificava-se no sono para que pudesse acordar cedo. Como não conhecia o relógio a não ser de vista, apenas acordada ia para a igreja. Muitas vezes acontecia de encontrá-la ainda fechada e, então, ajoelhava-se perto da porta à “espera do Esposo”⁽¹⁵⁾.

Havia aprendido também que, como Jesus veio a nós por meio de Maria, assim vamos a Ele por meio Dela.

Nossa Senhora esteve sempre presente na infância e adolescência de Maria Mazzarello. O mistério da Imaculada tornara-se o ponto culminante da sua devoção mariana. Em Maria Santíssima encontrou forças para a luta contra o pecado, e o fascínio pela pureza.

Na simplicidade de menina, com o auxílio do Espírito Santo, compreendeu o profundo significado do mistério de Maria Imaculada; viveu-o e soube transmiti-lo, tanto que o fato de mais tarde tornar-se F.M.A. será um aperfeiçoamento dessa mesma devoção a Maria Imaculada.

Deus, em silêncio, fazia germinar a semente da Vocação Religiosa. Porém, Maria não sabia que Ele a preparava para grandes coisas. De fato, conversando com seus irmãos, dizia-lhes:

“— Tornem-se frades também vocês (...)

— E você, por que não se faz monja?

— Eu não posso... (dizia isto porque pensava que não possuía o dote suficiente). Porém, se fosse rapaz, veriam o que eu faria”⁽¹⁶⁾.

Filhas da Imaculada

Em Mornese, havia outras jovens boas e piedosas sob a orientação do P. Pestarino. Entre essas destacava-se Ângela Maccagno, nascida em 1832, de família abastada, suficientemente instruída para os tempos e a aldeia. Dotada de bom coração e de senso prático, era o braço direito do P. Pestarino no apostolado feminino. Organizou uma associação na qual jovens que

não se sentiam chamadas para a Vida Religiosa ou não pudessem segui-la, se uniam com laços de piedade e santificavam-se: eram as Filhas da Imaculada.

O pequeno regulamento da Associação, redigido pela própria Maccagno, foi revisto pelo teólogo José Frassinetti, prior de Santa Sabina, em Gênova.

Grande foi a influência de Frassinetti, no seu tempo, no que se refere à frequência aos sacramentos e à orientação pastoral e espiritual do clero. Sua doutrina baseava-se na de Santo Afonso de Ligório, como ele próprio afirmou no prefácio do "Compendio della Teologia Morale di Santo Alfonso M. de Liguori".

Sua espiritualidade era cristocêntrica: Cristo é o modelo mais perfeito de toda a perfeição. A santidade, para ele, consistia na vida simples de todo dia, na proclamação das "doçuras" de Jesus Eucarístico e na alegria do perdão divino.

A doutrina de Frassinetti era discreta, sem exageros nem angústias, baseada na confiança do amor misericordioso do Pai. Mencionava a oração, a frequência aos sacramentos e a meditação marial como meios seguros para a aquisição da santidade.

Frassinetti foi escolhido pelo P. Pestarino para revisar o regulamento das Filhas da Imaculada, porque havia anteriormente seguido o movimento da fundação das Dorotéias e era um homem prudente, sábio e piedoso.

A ação de Frassinetti entre as Filhas da Imaculada foi marcante, pois era o confessor extraordinário daquelas jovens.

O regulamento da Associação tinha como objetivos: a unidade de espírito; a vida de castidade e de obediência ao Diretor ou a uma companheira.

O objetivo geral visava o trabalho pela difusão do Reino e a glória de Deus através do bom exemplo, da frequência aos sacramentos, da devoção a Maria Santíssima. "Que a Pia União tenha como objetivo o dever de inculcar e promover o reino e a glória de Deus em toda parte: entre as jovens, as senhoras, os rapazes e os homens" (17).

Deveriam dedicar-se à santificação no dia-a-dia, distinguindo-se na sobriedade do vestir-se, na modéstia, na delicadeza de trato e no testemunho evangélico.

Todos os domingos, reuniam-se na casa da Maccagno para uma instrução religiosa, para conferências ou com P. Pestarino ou com P. Frassinetti ou outro sacerdote convidado. Ordinariamente, nas reuniões eram lidos, explicados e meditados alguns trechos da "Monaca in casa", de Sto. Afonso M. de Ligório, ou trechos da Vida de Santa Teresa.

É importante notar a influência da doutrina de Santo Afonso e de Santa Teresa na fisionomia espiritual das Filhas da Imaculada.

Santo Afonso era advogado e toda a sua doutrina é expressa com clareza e logicidade de idéias. Foi teólogo moralista, fundador dos Redentoristas e baseou sua doutrina em S. Francisco de Sales e Sta. Teresa. Sendo excelente orador popular, exerceu grande influência na Itália. Sua doutrina é a da ação voltada para o ardor missionário, centralizada na conformidade com a vontade de Deus. Para amar a Deus é preciso a adesão a Cristo Redentor.

Maria Santíssima ocupava um lugar de destaque na doutrina afonsina. Nota-se, em toda a vida de Maria Mazzarello, a influência desta doutrina. Assim, no que diz respeito a Nossa Senhora dizia ela:

“— Que a nossa maneira de rezar e de agir seja sempre como se Nossa Senhora estivesse presente. E ela está realmente presente, mesmo se não a vemos”.

Entre os meios de santificação apresentados por Sto. Afonso, encontram-se a oração e a meditação. Maria Mazzarello conheceu e assimilou esta doutrina através da leitura de “O grande meio da oração” e “A prática de amar Jesus Cristo”. Afirmava: “— Rezem sempre de coração: lembrem-se de que a oração é a chave que abre os tesouros do paraíso”.

Vimos que Sto. Afonso baseou sua doutrina em Sta. Teresa de Jesus, Doutora da Igreja, reformadora da Ordem Carmelita, a mestra de oração por excelência.

Dos livros de Sta. Teresa, não podemos afirmar que Maria Mazzarello tenha conhecido “As mansões” e o “Castelo Interior”, mas temos provas de que conheceu direta e indiretamente, isto é, através da literatura da época, “O Caminho da Perfeição” e “A vida de Santa Teresa”⁽¹⁸⁾.

A grande doutora foi contemplativa, mulher que viveu seus dias em profundidade no Senhor e, portanto, para ela, viver era experimentar Deus. Isto procurou comunicar aos outros através de seus escritos.

Experimentou que a oração incoerente torna a vida vazia e, por isso, recomendava a prática do amor recíproco, do desapego das coisas, da humildade e do compromisso vital com Deus para uma oração vivencial.

Vê-se que a vida espiritual de Maria Mazzarello, com características originais, fruto da irrepetível graça de Deus, recebeu forte influxo da espiritualidade de Santa Teresa.

“Devemos ter o coração apegado somente a Deus e jamais permitir-lhe apegar-se às coisas ou pessoas, porque somente Deus pode nos saciar”⁽¹⁹⁾.

“A verdadeira piedade consiste em realizarmos todos os nossos deveres a tempo e lugar, somente por amor de Deus” (20).

Desde o “ide e pregai”, toda consagração a Deus é compromisso com o irmão. As Filhas da Imaculada gastavam-se, trabalhando com a juventude, com as mães e com os doentes. Maria Mazzarello era uma exemplar Filha da Imaculada, dedicando-se com todo o ardor no trabalho com as mães e, em especial, com as jovens da redondeza.

Dedicada à Pia União, recomendava às suas companheiras a obediência à Maccagno e a P. Pestarino e era a primeira a dar-lhes exemplo. Franca e reta em seus pareceres, sabia sustentá-los com modéstia, porém, submetia-se humildemente às decisões de P. Pestarino e da Maccagno, mesmo que fossem contrárias a seus desejos. Tinha um cuidado surpreendente com as meninas. Petronila dizia: “Maria atraía as meninas como o ímã atrai o ferro” (21).

Maria pertenceu durante 17 anos à Pia União da Imaculada, sendo este um período muito importante no desenvolvimento da sua personalidade: tempo feito de humildade e de coragem, de virtudes não comuns, de preparação para a grande tarefa de maternidade espiritual para a qual Deus a destinava.

Logo, Maria Mazzarello demonstrou preferência para o trabalho com as jovens pobres, necessitadas de instrução religiosa, de amor e de uma assistência alegre e contínua.

Entre os anos de 1861 e 1862, depois de uma grave doença que a obrigou a abandonar o trabalho do campo e a dedicar-se à costura, pode realizar o seu projeto de amor:

“Vamos aprender a costurar. Assim poderemos reunir as meninas, ensinar-lhes corte e costura e, ao mesmo tempo, a conhecer e amar o Senhor”... Ficaremos atentas para que cada ponto de agulha seja um ato de amor a Deus”... (22).

Assim Maria e Petronila organizaram uma escola de corte e costura, onde exerceram, durante anos, fecundo apostolado e introduziram a vida comunitária entre as Filhas da Imaculada.

Maria era a diretora daquela nova comunidade e, como afirmavam várias testemunhas, mostrou-se educadora e orientadora inata, graças à sua vida de intimidade com o Senhor, utilizando um sistema que, inconscientemente, assemelhava-se ao de Dom Bosco, o grande apóstolo da juventude.

A Pia União das Filhas da Imaculada representou para Maria Mazzarello uma experiência de Vida Religiosa, de Consagração a Deus e deu uma resposta que perdura até os nossos dias.

O grupo das Filhas da Imaculada ajudou-a a formar-se como líder, a descobrir sua vocação de doação, o que fundamenta a

validade do grupo que procura viver numa comunidade de fé, nascida do ato de fé de cada um de seus membros.

2. ENCONTRO DE DOIS SANTOS: UM MESMO CARISMA

Dom Bosco e Maria Mazzarello

O Espírito Santo sempre suscitou, na sua Igreja, pessoas dotadas de graças especiais que respondem ao apelo do Senhor inseridas na história do seu tempo.

Desde sua infância, Dom Bosco possuía clara consciência do chamado especial e de que sua vida deveria ser marcada pelo selo da entrega permanente e sem medida para a juventude. Por isso, o Espírito Santo concedeu-lhe o carisma do amor ao jovem pobre e abandonado.

Convicto de ser escolhido para reviver, estender e multiplicar na Igreja e no mundo o amor salvífico de Cristo pela juventude, fez dela sua missão, escolha evangélica, o motivo de suas fundações: “O Senhor enviou-me para os jovens”⁽²³⁾.

Sua caridade pastoral era tecida de bondade e de amor a Deus, que envolvia toda a sua existência, traduzia-se num extraordinário zelo apostólico que o impelia a viver, até o fim de suas forças, o “Da mihi animas, coetera tolle”.

O seu grande coração de Pai inaugurou um novo estilo de educação. Estilo bastante familiar, fundamentado na atitude do Bom Pastor que ama, conhece e dá a vida por suas ovelhas.

A ardente caridade pastoral de Dom Bosco era encarnada e traduzia-se em atitudes concretas e constantes de bondade. Era capaz de qualquer sacrifício para alcançar a sua meta, como atesta esta sua expressão: “Quanto eu seria feliz se pudesse infundir em Vocês um pouco deste grande amor que sinto por Maria e Jesus Sacramentado. Vou dizer bobagem, mas não importa. Para conseguir isso, eu estaria disposto a rastejar minha língua por terra daqui até Superga. Sei que é um despropósito, mas teria coragem de fazer isso! Minha língua ficaria toda em pedaços porém, em compensação, teria muitos jovens santos!”⁽²⁴⁾.

Em seus oratórios, queria que os meninos tivessem uma profissão que os tornasse úteis à sociedade e que lhes possibilitasse um honesto ganha-pão. Para tal, foi preparado pela Providência, durante sua juventude... quando, para garantir sua sobrevivência e estudo, João Bosco tornou-se aprendiz de várias profissões: alfaiate, sapateiro, marceneiro, padeiro, tipógrafo... Mal sabia ele quanto isto lhe seria útil na sua obra educativa!

O Espírito Santo, que lançara Dom Bosco na grande aventura do amor aos jovens pobres e abandonados e o levava a criar uma

obra destinada à glória de Deus e do Reino, preparava-lhe, sem o seu conhecimento, o instrumento necessário que traduziria para o feminino o seu ardor apostólico.

Enquanto em Turim o Oratório de Dom Bosco crescia e se desenvolvia, acolhendo rapazes e meninos necessitados e abandonados pela sorte, em Mornese o Espírito Santo impulsionava Maria Mazzarello a responder ao seu chamado pessoal de amor salvífico pelas jovens.

Maria Mazzarello foi salesiana antes mesmo de conhecer Dom Bosco!

Padre Guido Favini, um dos estudiosos da Família Salesiana, assim escreveu: “A sua preparação ocorreu no silêncio, sem o conhecimento de Dom Bosco, sob a direção de P. Domingos Pestarino, alma salesiana, cheia de admiração pela obra de Dom Bosco e pelo seu espírito...”⁽²⁵⁾.

Desconhecendo os fatos da vida de Dom Bosco, Maria Mazzarello empenhou-se também no aprendizado de uma profissão, sonhando com a realização do seu ideal de educadora.

“Tinha a impressão de que, aprendendo corte e costura, poderia reunir as meninas e jovens, ensinar-lhes a costura, a remendar roupas, a confeccionar meias. Com isso, conseguiria atraí-las para si, a fim de dar-lhes bons exemplos, mantê-las longe do pecado e fazê-las crescer no conhecimento e no amor de Deus”⁽²⁶⁾.

Durante uma conversa com a amiga Petronila, revela claramente o projeto que as empenhará por toda a vida: “Logo que tivermos aprendido um pouco, deixaremos de freqüentar as aulas do alfaiate, alugaremos uma sala e aceitaremos todas as meninas que desejarem aprender a costurar. Nós as ensinaremos. Porém, nosso primeiro objetivo será o de afastá-las dos perigos, de torná-las boas e especialmente de ensinar-lhes a conhecer e amar o Senhor...”. E, completando: “Sabe, é preciso que façamos assim e, desde agora, coloquemos a intenção de que cada ponto seja um ato de amor a Deus”⁽²⁷⁾.

O Sistema Preventivo em Maria Mazzarello

Uma singular sintonia de meios apostólicos aproximou Maria Mazzarello de Dom Bosco, antes mesmo do histórico encontro de 1864. Pois, sua intuição e preferências eram semelhantes às do Santo: a mesma piedade eucarístico-mariana, o mês de maio e até o “oratório festivo”.

Todos os anos, em Mornese, havia a preparação dos rapazes, em 6 domingos consecutivos, para a festa de São Luís. Grande era o desejo de participação das meninas e jovens, naquelas

tardões de alegria e formação, porém, não havia ninguém que se importasse com o anseio das jovens mornesinas...

Maria Mazzarello e Petronila logo intuíram o grande bem que poderia ser feito à juventude feminina e, seguindo as orientações do livro "Il giovane provveduto", de Dom Bosco, estenderam a preparação para as meninas da "sala de costura", nascendo assim o "oratório feminino" em Mornese!

As jovens aderiram ao oratório com muita alegria e entusiasmo, espalhando com rapidez a notícia da novidade... Logo logo, o pequeno pátio da casa de costura era insuficiente e, como Dom Bosco, tiveram que partir em busca de local mais amplo e apropriado: "il boschetto di S. Silvestre".

"Vamos fazer uma visita à igreja e depois, caminhando pela estrada de Montaldeo, chegaremos a S. Silvestre" (28).

A história do Oratório de Turim acontecia, agora, no feminino, em Mornese, e de maneira muito semelhante à de Dom Bosco!

Maria, com a riqueza de sua feminilidade e intuição materna, sabia criar um relacionamento espontâneo, familiar, preventivo, de uma sadia e serena alegria, fundamentado numa sólida orientação sacramental, eclesial e mariana.

"Maria deixava que todas se divertissem livremente, conforme suas preferências, desde que não praticassem o mal nem comessem pecados" (29).

Neste contato direto, familiar com as jovens, o Espírito Santo ajudou a discernir bem qual era a vontade de Deus a seu respeito. Maria Mazzarello percebeu logo que o Senhor a chamava com insistência a uma entrega mais absoluta. Doação que lhe custaria a separação da própria família, das suas companheiras, Filhas da Imaculada, e de toda a aldeia.

Porém, o amor que a impelia para a mesma aventura de Dom Bosco, deu-lhe forças suficientes. Com o apoio da amiga Petronila e da jovem Teresa Pampuro, decide-se a morar no local das aulas de costura, acolhendo, em sua casa, algumas crianças necessitadas!

Esta decisão, alimentada pela forte certeza de Deus, do chamado e da missão, foi expressa nas palavras que I. Caterina Pesci atribuiu a M. Mazzarello no diálogo com Angela Maccagno:

"Não faço isto de minha cabeça. Nós nos ocupamos das poucas órfãs que necessitam de uma assistência contínua. Não podemos viver em nossas casas... Eu me sinto chamada para fazer o bem a muitas meninas daqui e talvez de longe... Sinto que não me satisfazem os limites da minha família, do casamento, da minha aldeia. O mundo é tão vasto... Se, para fazer a vontade

de Deus, deixei a minha família, para continuar a realizá-la estou pronta a viver separada da senhora e das minhas companheiras, mesmo que sangue o meu coração” (30).

Com Dom Bosco — o desabrochar do Instituto das F.M.A.

A primeira influência direta de Dom Bosco na vida apostólica de Mazzarello e Petronila aconteceu antes mesmo de se conhecerem pessoalmente, através do presente de 2 medalhas de N. Senhora entregues pelo P. Pestarino e acompanhadas de um bilhete: “Rezem, mas façam à juventude todo bem possível; façam de tudo para impedir o pecado, ainda que seja um só pecado venial” (31).

O primeiro encontro com Dom Bosco realizou-se no ano de 1864, em Mornese. Imediatamente, Maria teve a certeza de que aquele sacerdote era um homem de Deus e sentiu que suas palavras faziam despertar dentro de si ecos em resposta a todos os anseios apostólicos.

“Dom Bosco é um santo! É um santo, e eu o sinto!” (32).

Tal intuição inicial da santidade de Dom Bosco passou a ser, progressivamente, uma adesão a ele.

“A palavra de Dom Bosco soava-lhe como um eco da linguagem que sentia no coração, sem saber exprimi-la; como a manifestação de um sentimento, como algo sempre esperado e que, finalmente, chegava” (33).

Logo se estabeleceu, entre eles, um relacionamento de profunda colaboração e sintonia. Maria Mazzarello mostrou-se sempre pronta para aderir às propostas de Dom Bosco para a instituição de um novo tipo de vida religiosa. Foi a primeira a aceitar a vida em comum (34).

Dom Bosco, por sua vez, encontrou, nas Filhas da Imaculada, o terreno de virtudes cristãs necessárias para ali implantar o seu espírito, pois havia percebido que devia fazer para as meninas o que já fazia para os meninos (35).

Ele pressentiu, descobriu naquela humilde camponesa e no seu trabalho em Mornese a resposta aos apelos de um serviço salesiano à juventude feminina.

Dom Bosco confia, então, a esta mulher do campo a grande tarefa dos inícios de um instituto nascente... E esta mulher marcou o desabrochar do Instituto com o sinal da sua personalidade educativa, interior.

O seu posicionamento foi de uma assimilação criativa da espiritualidade para a salesiana feminina. Sua fidelidade a Dom

Bosco era conhecida pelo grupo por suas atitudes e afirmações: “Dom Bosco sabe o que Maria SSma. quer para nós”.

Podemos declarar, sem receios, que sua contribuição na formação do Instituto e o que a tornou verdadeira co-fundadora, consistiram e consistem sobretudo no esforço de conhecer, aprofundar e assimilar o espírito de Dom Bosco, adaptando-o às condições histórico-ambientais. M. Mazzarello, profundamente feminina, soube acolher este espírito e assimilá-lo, e formou de tal modo as primeiras Filhas de M. Auxiliadora que não só ela era salesianamente feminina, mas todo o grupo.

Dizia sempre: “Vivamos na presença de Deus e de Dom Bosco” ⁽³⁶⁾.

“Somos as primeiras e, por isso, chamadas a deixar marcas, a vivificar um caminho, a delimitar uma vereda. Quebremos, pois, a rocha do nosso egoísmo, do nosso orgulho. Assim, o bom Deus triunfará nas almas e na nossa família religiosa, no presente e no futuro” ⁽³⁷⁾.

Madre Mazzarello era profundamente grata e reconhecida a Dom Bosco. Considerava-o pai e benfeitor-mor, pois costumava afirmar que havia dado a elas o que de mais caro possuíam: o seu espírito.

“Depois de Deus, devemos tudo a Dom Bosco e a seus corajosos filhos. . . (. .) Não nos esqueçamos de agradecer a N. Senhora que, além de nos fazer suas filhas, nos entregou a um santo como Dom Bosco” ⁽³⁸⁾.

Dom Bosco, também, admirava-a, principalmente pelo seu precioso dote de governo, como o atesta o Cardeal Cagliero.

“Dom Bosco descobriu, nela, virtudes, dotes e qualidades que a faziam sobressair entre suas filhas espirituais, principalmente o seu discernimento religioso. Apesar de toda a sua relutância e protestos de incapacidade e pouca instrução, Dom Bosco a quis como superiora” ⁽³⁹⁾.

De fato, ela o demonstrou com a segurança e estabilidade que deu ao Instituto das F. M. A., nos poucos anos que viveu.

Maria Mazzarello na primeira comunidade de Mornese

O profundo clima de família da primeira Comunidade de Mornese é devido, sobretudo, à presença de Maria Mazzarello, ao seu modo de interpretar o papel de superiora.

Ela era um vínculo de coesão entre suas Irmãs e Deus, e elo de comunhão de umas com as outras.

Sua grande preocupação era manter o espírito de unidade e de verdadeira caridade no estilo de Dom Bosco.

O clima criado por sua presença ativa e carinhosa era de uma profunda paz e vontade insaciável de fazer o bem.

É verdade que se conhece, pelas cartas de M. Mazzarello e pela cronistória, que houve momentos de sofrimentos no início do Instituto: dificuldades financeiras, não aceitação por parte da aldeia, morte do P. Pestarino, desencontros de pessoas, saídas da congregação, mortes prematuras de Irmãs... Mas, nada disso impedia aquela comunidade de ser a “casa do amor de Deus”.

Quando as Irmãs começaram a ser transplantadas um pouco por toda a parte, a Madre se preocupou com a unidade das Irmãs e sua mais freqüente recomendação era de conservar o “espírito de Mornese”.

Madre Mazzarello procurava manter vivo o “espírito de Mornese”, tradução no feminino do espírito tipicamente salesiano, conquistando, em suas visitas, o afeto e a confiança das meninas e Irmãs.

Encontramos, na cronistória, inúmeras passagens que atestam muito bem a sua maternidade, como neste fato onde pede para melhorar a alimentação da recém-chegada professora Emília Mosca:

“Você viu que chegou entre nós, pobres camponesas, uma jovem de família nobre? Ela necessita de cuidados especiais. Nós podemos ter, como desjejum, um pedaço de pão e polenta; mas ela, não. Precisa ter uma alimentação melhor: vamos dar-lhe sempre café e leite...”⁽⁴⁰⁾.

Sabia também temperar a firmeza do seu caráter com a ternura do seu amor materno, fazendo eco ao Sistema Preventivo de Dom Bosco.

Olhando para a primeira comunidade de Mornese, podemos repetir as palavras de P. Colli: “... foi mais com a presença do que com as palavras que ela selou aqueles primeiros tempos (...) Envolveu a todas com o seu entusiasmo, confortava-as com sua fé e com sua coragem, arrastando-as com seu exemplo. Com um guia que apontava com tanta firmeza para a meta, que avançava com passo tão apressado, não havia outro remédio senão seguir-lhe as pegadas, para não ficar à margem da estrada”.

Fidelidade criativa

A espiritualidade de Maria Mazzarello está num estilo próprio, não derivado só de situações existenciais, mas fundamentado na realidade psicológica do ser mulher.

Maria Mazzarello, em sintonia com o carisma de Dom Bosco, deu ao Instituto uma fisionomia própria, como mulher, religiosa e superiora.

Na história da Vida Religiosa feminina de todos os tempos, surge, geralmente, a figura influente de um homem. Essa influência masculina aparece nos mais diversos aspectos como, por exemplo, nas Constituições femininas, muitas vezes mera transposição masculina, com adaptações, sem clara consciência de integração dos valores femininos, como também na administração das obras, na configuração do cotidiano, nos hábitos de vida, trajes, etc. Inegavelmente, havia a preocupação de assexuar a mulher, sacrificando valores femininos em nome de ascetes masculinamente concebidas.

A falha não estava na participação e eficaz colaboração masculina, mas na dependência por parte da religiosa que, na acolhida das determinações, das exclusividades, dos enfoques masculinos, colocava em jogo a mulher, a vida religiosa feminina, não levando em conta a reciprocidade dos sexos, na qual um é estímulo ao outro.

Maria Mazzarello, mulher de seu tempo, não poderia fugir à realidade e sem Dom Bosco não teria feito o que fez. Embora inserido nesta realidade, o Instituto das F.M.A. encontrou, em Dom Bosco e na sua característica "amorevolezza", o tato pedagógico de alguém que soube dar a Maria Mazzarello e ao grupo de Mornese uma forte colaboração masculina, porém bastante libertadora. Quando, no início, às Irmãs recorriam a P. Pestarino para orientações, ele as escutava e depois dizia:

"Muito bem, resolvam vocês mesmas! Façam como acharem melhor. Se vocês não começarem a agir por conta própria, não aprenderão a governar" (41).

Na compilação das Constituições, Dom Bosco procurou basear-se nas congregações femininas já existentes e, ao entregá-las às Irmãs, não as impôs, mas deu-lhas em caráter experimental. Elas, com muita liberdade interior, revelando a maturidade do grupo, souberam agir, rejeitando o que não estava conforme o ideal por elas concebido. É o que se pode verificar no caso dos atrigos sobre a "disciplina" e clausura. Sobre o uso da "disciplina", Petronila declarou: "Não sabíamos o que era mas, quando soubemos, não nos agradou e nunca a observamos. Também foi prescrito um jejum para o sábado, mas nós o transferimos para a sexta-feira" (42). No manuscrito da primeira Regra, no Título X, sobre a clausura, foi escrita a seguinte nota: "Este título é inútil, não funciona..." (43).

Demonstrando claramente a sua simplicidade e humildade, Maria Mazzarello fez-se aluna entre as alunas. Movida pelo desejo e necessidade de comunicar-se com os Superiores e filhas, aprendeu a escrever aos 35 anos. Em contato com os originais das suas cartas (únicos manuscritos da Madre) e observando os traços de sua caligrafia, pode-se medir o grau de empenho que a envolvia e as transformações sempre crescentes — traços mais claros e mais seguros revelam esta mesma realidade.

Embora não sabendo escrever, a Madre sabia ler, desde a sua infância. E, nas leituras que fazia com aquela sede de quem busca, criou raízes de uma sólida formação espiritual. Não tendo certamente entrado em contato direto com a Bíblia, coisa natural da época — possuía, no entanto, uma clara visão dos conceitos evangélicos, adquirida através das leituras, das palestras, nas quais se fazia atenta ouvinte, na orientação de P. Pestarino e P. Cagliero.

Espírito de discernimento

Embora não tendo cultura, Maria Mazzarello possuía mente e olhos abertos, que sabiam ver longe. Era dotada de facilidade de comunicação, intuição espiritual e um acentuado espírito de discernimento. É o que se evidenciou com Catarina Daghero, mais tarde sua sucessora. A Madre tranqüilizou-a na sua dúvida de vocação:

“Deves ficar aqui conosco! Quanto mais sofreres agora, tanto mais alegria sentirás depois. Ainda farás um grande bem!”

El ao Diretor, que hesitava na aceitação de Catarina, ela respondeu:

“... a vontade de Deus é que esta menina fique conosco e receba o hábito, porque é chamada a fazer grande bem às almas” (44).

Com sua simplicidade e humildade, abria espaço para a ação do Espírito e sabia discernir, dar a palavra certa na hora adequada. Sua intuição a fazia voltar-se sempre para Deus e para o bem do outro.

Dom Bosco e P. Pestarino “recrutavam” as vocações, porém, a Maria Mazzarello cabia o discernimento, tranqüilizando os Superiores a respeito da veracidade das mesmas. Tal aconteceu com a jovem Emília Mosca, mandada por Dom Bosco a Mornese e que, mais tarde, expressou seu desejo de fazer-se F. M. A. . . . Maria Mazzarello perguntou-lhe:

— Você será capaz deste sacrifício?

— Com a ajuda de Deus... sim!

— Bem, comece a viver como uma Irmã, porém sem usar o hábito; depois, veremos...” (45).

“Conheci poucas pessoas que tivessem tanto critério diretivo” — afirmava P. Cerruti (46).

A mulher descobre sua alegria na doação aos outros. Amadurece, não enquanto é centro de interesse, mas quando ama seriamente, utilizando-se da vontade fecunda, da intuição amorosa da inteligência, do calor da sua emotividade bem orientada.

Maria Mazzarello era bastante exigente na formação das postulantes, mas sempre em atitudes de mãe: terna e forte. Fortaleza que educava e ternura que intuía o melhor em cada candidata.

No seu amor pela salvação, acolhia e encorajava numa atitude de “ir ao encontro”, desenvolvendo assim a “amorevolezza” do Sistema Preventivo. Uma postulante, mais tarde F.M. A., afirmou: “Um dia encontrei M. Mazzarello e ela me disse: ‘Receio que algumas vezes você passe fome e não tenha coragem de dizê-lo, pois percebe a grande pobreza em que vivemos. Você é jovem e está crescendo, por isso, mandarei dar-lhe a merenda...’ Quanta bondade naquele coração materno” (47).

Exortava as Irmãs, mesmo as distantes, através de suas cartas em que ia lançando as sementes do carisma do fundador com a tonalidade feminina. Nelas se constataam atitudes próprias da mulher, que ela sabia cultivar nas alunas e Irmãs, exortando-as à delicadeza do olhar e dos gestos, à suavidade das palavras e do tom de voz. Insistia na ciência de saber escutar, de não interromper e contradizer alguém, praticando ela, por primeira, tudo isso, a fim de manter a serenidade.

A vocação da F.M.A. torna-se mais específica na castidade vivida como capacidade de amar a Deus e ao próximo, numa profunda experiência de libertação interior. Integra-se assim a castidade salesiana à maternidade. Uma jovem, que havia perdido sua irmã, escutou da Madre estas palavras:

“Sua irmã, antes de partir para o paraíso, entregou-a para mim; de agora em diante, eu serei sua irmã” (48).

Maria Mazzarello deu um enfoque particularmente feminino ao Sistema Preventivo de Educação, desenvolvendo, na alegria, para com as Irmãs e alunas, a maternidade espiritual, sinal da maturação afetiva.

“Coragem, tenha cuidado com a saúde. Sare depressa, para que possa retornar logo... Se você for alegre, se restabelecerá mais depressa. Portanto, coragem” (49).

“Seja sempre alegre, ame todas no Senhor, reze por todas as suas Irmãs. Desagrada-me não lhe ter escrito pessoalmente, mas dessa vez não me foi possível” (49a).

Sua presença era querida e desejada pelas meninas, que mantinham com ela um relacionamento aberto e respeitoso.

Desde a adolescência, sua vida religiosa foi uma entrega feita e uma conscientização crescente do amor de Deus — e do “separar-se” do mundo para “estar mais nele” — um dizer e viver: “Tudo para Ti, Senhor, e para as almas que foram remidas pelo teu divino sangue” (50).

Maria Mazzarello sempre colocou Nossa Senhora como a verdadeira superiora e orientava suas Irmãs na perspectiva de que o Instituto era de Maria. Maria é “Aquele que está entre nós” como a mãe da casa, e o relacionamento da F.M.A. com ela — a Mulher por excelência — responde adequadamente à sua feminilidade.

Era exigente, porém acompanhava os passos do Instituto de acordo com os tempos. Em Mornese, um clima de grande mortificação animava toda a comunidade. Intuindo que a alimentação se tornava insuficiente para as jovens Irmãs, Dom Bosco fez saber que seria oportuno melhorá-la. Propôs que na refeição matinal se introduzisse o “café com leite” — “O que pareceu, às Irmãs, contrário à mortificação intensamente vivida na casa”. Maria Mazzarello, sintonizando com o pensamento de Dom Bosco, exclamou: “Viva o café com leite e o pão fresco que a Providência nos manda a cada manhã e também à tarde, quando necessitamos”⁽⁵¹⁾.

O mérito de Maria Mazzarello está no viver a fidelidade criativa do espírito de Dom Bosco, com uma contribuição de feminilidade, delimitando, assim, a espiritualidade da F.M.A. Esta fisionomia quer continuar a imprimir tom e ritmo à vida pessoal e à comunidade orante, fraterna e apostólica, da qual cada uma é parte ativa e integrante.

Nas casas dos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora sente-se o mesmo clima. Embora seja difícil distinguir o que é próprio do ser masculino ou feminino, nelas se vivencia um mesmo carisma, na fidelidade ao espírito que se atualiza nas diversidades do ser.

3. DINAMISMO DA EXPERIÊNCIA DE DEUS EM MARIA MAZZARELLO — CONSIDERAÇÕES

Podemos dizer que o Instituto das F.M.A. possui, como fundamento próprio e como fonte primeira, a espiritualidade salesiana de Dom Bosco, entendida como espiritualidade pessoal (figura do Santo) e doutrina espiritual (conteúdos doutrinários, ascéticos, por ele transmitidos). Como fonte segunda, a espiritualidade de Maria Mazzarello (figura e mensagem pessoal) e o modo fiel e criativo com que recebeu, assimilou, transmitiu e criou, juntamente com as primeiras F.M.A., um clima espiritual chamado pela tradição do Instituto de “espírito de Mornese”. Na primeira comunidade, tudo o que se fazia era revestido de grande simplicidade e, ao mesmo tempo, de empenho sério de vida. A riqueza interior das Irmãs era expressa no amor fraterno, no trato cordial, no admirável recolhimento, no espírito de contínua oração, no trabalho e na grande alegria.

Para se ser santo é preciso aceitar Cristo e não saber tanta teologia.

Maria Mazzarello, na sua inata simplicidade, não possui um sistema verdadeiramente doutrinal de espiritualidade. Na sua vida e escritos, encontramos idéias-chaves muito simples, muito comuns e fecundas, fruto de convicções marcadas pela radicalidade e por profunda experiência de vida. Tudo isto deve ser visto no seu contexto. Tentaremos colher algumas idéias que caracterizam a espiritualidade de Maria Mazzarello.

O Deus de Maria Mazzarello

Na vida do homem, existe sempre um momento, ou uma série de momentos, nos quais se revela mais claramente a presença de Deus.

Ao olhar as grandes figuras religiosas, fundadoras de Ordens, Congregações ou Institutos, evidenciam-se com muita clareza que a fonte e a raiz de suas atitudes foram experiências íntimas e profundas de Deus e de sua encarnação em Jesus Cristo. Experiência radical, em que se aceita Deus como o Senhor e se relativiza, como consequência, tudo aquilo que se apresenta como absoluto.

“Tudo somente por Deus”! ⁽⁵²⁾, exclamava Maria Mazzarello.

Interrogadas pela Madre sobre as horas, as Irmãs e postulantes logo aprenderam dela a responder:

“— São horas de amar a Jesus”. E ela acrescentava ainda:

“— Vamos amá-lo cada vez mais!” ⁽⁵³⁾.

Percebia que Deus estava em todas as coisas, nas pessoas, na juventude. Via os acontecimentos como uma manifestação do dom que é Ele mesmo, da sua gratuidade, que a fazia exclamar com toda a convicção:

“... a humildade é Ele, a obediência é Ele, o sofrimento é Ele; tudo aquilo que a natureza repele é Ele.”

E em outra ocasião:

“... fazei-me sofrer bastante, mas dai-me força e paciência” ⁽⁵⁴⁾.

O homem foi feito para essa intimidade profunda com Deus e é este próprio Deus que o chama a um maior contato com Ele, através do seu Filho. É um chamado que toca o ser mesmo do homem. É uma voz que fala dentro e fora, mas fala mais dentro do que fora. Maria Mazzarello criou espaço interior e acolheu esta voz. A sede do encontro com o Senhor a possuía, e nesta busca amorosa de Deus ia penetrando sempre mais no Mistério de Deus.

Para saber quem é Deus, é algo que só se responde olhando e aprendendo um pouco do mistério insondável de Deus. Portanto, para ela, é fundamental a certeza de Deus como senhor, como presença que invade tudo e todos.

Vida eucarística

Maria Mazzarello viveu em plenitude a união com Jesus Cristo, configurando-se sempre mais a Ele, com quem se relacionou como “Salvador, amigo, esposo, mestre”; a sua força por excelência e, também, aquele que se dá em dom da Eucaristia: “Jesus deve ser toda a nossa força. Com Jesus os pesos se tornam leves, as fadigas suaves, os espinhos se convertem em doçura” ⁽⁵⁵⁾.

A Eucaristia é o momento privilegiado em que a comunidade responde à iniciativa de Deus, nos diz Tillard. Ela significa e enraíza um projeto construído dia por dia; é o desabrochar de uma vivência cotidiana do estar-com-o-Senhor.

“É preciso que comunguemos com entusiasmo e com fervor” ⁽⁵⁶⁾.

Consciente das exigências de uma vida fraterna autêntica, Maria Mazzarello fazia da Eucaristia o centro do dia comunitário, culminância de todo um esforço de relacionamento, de acolhimento e de serviço, de muitos momentos de superação e perdão.

A Madre preocupava-se em dar à comunidade o colorido evangélico, onde o “viver-junto” oferecia possibilidade de novas motivações para o encontro eucarístico.

“Procuremos, com todo o nosso empenho, crescer na verdadeira humildade e caridade, suportando os defeitos umas das outras, exercitando-nos mais em nossas obras de piedade, fazendo com entusiasmo e fervor nossas comunhões” ⁽⁵⁷⁾.

A caridade

Religiosa, o tema predileto de suas conferências e boas-noites era o amor de Deus. E suas palavras brotavam daquela interiorização própria de quem busca sempre mais conhecer a Deus para amá-lo mais.

O principal dom do Espírito Santo é o amor. Permanecer no amor fraterno é permanecer em Deus. Ele, que nos amou primeiro, infunde-nos a exigência de reciprocidade.

O caminho para o amor de Deus passa exatamente pela comunhão com o outro. Comunhão que se traduz em gestos concretos no cotidiano: acolher, conversar, prestar um serviço,

etc. Pois, é verdade que a qualidade dos nossos gestos é dada pelo amor.

Maria Mazzarello deixou-se marcar pelo amor de Deus. Repetia com frequência na sala de costura:

“Que cada ponto seja um ato de amor a Deus”⁽⁵⁸⁾.

Acolheu sempre em sua vida o mandamento do amor, tanto que na hora da morte exortou:

“Recomendo-vos a união: amai-vos, amai-vos. Somos todas da mesma família, filhas do mesmo Pai e igualmente consagradas a Jesus Cristo. Devemos, portanto, trabalhar todas igualmente, quereremo-nos bem e estar prontas para o sacrifício”.

Vida de oração

Para Maria Mazzarello, oração era entrega de todo o seu ser a Deus, era um reconhecimento da posse de Deus sobre si mesma, sobre as profundezas de seu ser. Era um ato que exigia muita coragem, abandono, desapego radical de todo o criado.

Toda a sua vida foi uma oração contínua, como o afirma P. Cannonero: “Sua vida traz o sinal de uma febre devoradora: a febre da oração, a febre do colóquio com Deus; a febre da elevação da mente à contemplação das grandes realidades da vida sobrenatural”⁽⁵⁹⁾.

Não se encontra cisão entre sua oração e sua vida.

Madre Mazzarello soube aclimatar sua oração à vida concreta, soube trabalhá-la para que fosse verdadeiramente um ato vivo de amor e de dom de si; soube esforçar-se para transformar as ações numa autêntica oração.

Podemos definir sua vida de oração como um grande ato de amor, autêntico e vivo, onde a fé ocupa um lugar central. Ela é mestra de vida interior para suas filhas espirituais, mesmo sem ter elaborado um método particular de oração, pois o itinerário da sua vida espiritual foi o caminho de sua oração.

Quando conversava ou escrevia sobre a oração — para suas Irmãs — seus conceitos eram simples reflexos de sua profunda vida interior:

“Estudando as línguas deste mundo, estude também a linguagem da alma com Deus”... “Em primeiro lugar, eu lhes recomendo que rezem, rezem, rezem muito e de coração”... “Rezem sempre. Que a oração seja sempre a arma de vocês. Arma que as defenderá de todos os seus inimigos e as ajudará em todas as suas necessidades”⁽⁶⁰⁾.

A Madre deu vida às palavras de S. Paulo: “Orai sem cessar. Dai graças por tudo. Esta é, em relação a vós, a vontade de Deus, em Cristo Jesus” (1 Tes 5,17-18).

Mazzarello é alguém que viveu em “estado de amor”, o que a levou a fazer de qualquer acontecimento uma oração. Para ela, “tudo se tornou oração”. A experiência de Deus invadiu toda a sua vida, intensificando a sua sede de infinito e o desejo de entregar-se mais ao serviço dos irmãos.

Sua oração não se resume, portanto, em um relacionamento vertical com o Senhor dos senhores, mas amplia-se horizontalmente, abarcando as necessidades dos seus irmãos mais próximos: Irmãs de Congregação, alunas, parentes, conterrâneos, amigos, pessoas que lhe foram entaves... Enfim, sua oração era encarnada na medida em que ia encontrando Deus em tudo e em todos, até adquirir características universais.

O seu contato contínuo, a sua entrega sem limites à pessoa do outro, os acontecimentos, tudo foram motivos para sua intensa vida de oração, fazendo-a sentir a necessidade de momentos fortes de união com o Senhor.

A oração de Madre Mazzarello brotava da vida, do relacionamento concreto com os irmãos, do crescimento da Fé, da alegria na Comunidade, da dificuldade e oposição dos seus adversários. A perseguição, incompreensão, fracasso, doença e dificuldades causavam-lhe preocupações e faziam brotar a oração de petição, confiança e entrega.

Muitas vezes, sentada diante do tabernáculo, passava pessoa por pessoa, nome por nome, situações, fatos, pedindo, agradecendo, louvando e entregando tudo e todos ao Senhor da vida.

Com sua oração contínua e ininterrupta, mostra-nos como toda a nossa vida está chamada a converter-se numa experiência de Deus.

A piedade mariana

A vida de Madre Mazzarello, desde a mais tenra idade, é toda impregnada pelo amor e devoção a Nossa Senhora. Nossa Senhora é muito mais do que um objeto de veneração e de fé, porque é experiência vital. É uma realidade, pessoa viva que, ao penetrar em sua existência, transformou-a totalmente, colocando-a nas pegadas do Cristo casto, pobre e obediente, em favor do Reino.

Maria Mazzarello abraçou o mistério de Maria na sua totalidade: Imaculada, Nossa Senhora das Dores, Auxiliadora.

Com a Imaculada, compreendeu a beleza da virgindade consagrada e a misteriosa maternidade que faz gerar Cristo nos

corações e no mundo, participando na obra redentora do Verbo Encarnado.

Mais tarde, compreendeu e seguiu o caminho da Senhora das Dores, daquela Mãe que assistiu impotente o sofrimento e a morte do Filho Amado. Conheceu a dor do coração e da alma, a dor das horas e situações difíceis. Com Nossa Senhora sofreu, lutou, muitas vezes sozinha, tal como a Mãe de Jesus aos pés da Cruz.

Sua devoção à Virgem, como Auxiliadora, coincide com a época de sua maturidade espiritual e apostólica.

Mazzarello, contemplando Maria Auxiliadora, consagrou-se à pessoa e à ação do Verbo Encarnado, oferecendo-se para o serviço da juventude, também ela, como Mãe e Mestra.

Sua devoção a Maria Auxiliadora era sem limites. Como Dom Bosco, considerava-a inspiradora, fundadora e superiora da Congregação.

A Virgem Poderosa foi toda a sua força, sustento e segurança nas horas escuras das lutas e dificuldades. Durante uma perseguição contra o Instituto, a Madre confortava suas filhas, dizendo-lhes: “Com os nossos Superiores, que nos guiam, e a nossa boa Mãe Maria Auxiliadora, que nos protege, mesmo que houvesse um exército contra nós, não teríamos que temer” ⁽⁶¹⁾.

Tal confiança se acha expressa em quase todas as suas cartas, em frases semelhantes a esta: “Tenha grande confiança em Nossa Senhora, e Ela a ajudará em todas as suas coisas” ⁽⁶²⁾.

Esta sua confiança sem limites em Maria faz-se presente na sua última hora de vida. Hora de tentação, medo, hora em que Deus a deixou experimentar a agonia que o seu Filho havia sofrido no Horto das Oliveiras. Mazzarello volta-se, então, para Aquela que, mesmo de longe, acompanhara o Filho no seu doloroso sacrifício e diz: “Por que temer? O que é isto? Quem confiou em vão em Nossa Senhora? Vamos, coragem, Irmã Maria! Não és filha de Nossa Senhora? Vamos, coragem! Coragem! Amanhã começa a novena de Maria Auxiliadora, canta os louvores da tua Mãe... E, recolhendo as últimas forças, cantou — ‘Quem ama Maria, contente estará’ ” ⁽⁶³⁾.

A humildade

A humildade é a tônica da personalidade religiosa de Maria Mazzarello. O homem é um ser em relacionamento; cresce na convivência, na reciprocidade de dons. Porém, seu esforço de abertura para o outro é um empreendimento difícil. Reconhecer lucidamente uma dependência radical e sempre atual para com o amor criador, sentir-se todo de Deus, levado na palma da mão, envolto pela luz de sua face, isto é humildade.

A cronistória do Instituto da F.M.A. confere objetividade à figura de Maria Mazzarello. Ela não é colocada “em primeiro plano”, mas emerge em “primeiro plano” quase sem querer sê-lo. A humildade é conhecimento profundo de nossa própria realidade criatural.

“Que a sua humildade não seja manchada pelo próprio interesse. Faça sempre que Jesus possa lhe dizer: “Minha querida Filha, estou contente com o seu agir”⁽⁶⁴⁾.

É realmente a humildade a nota característica da vida de Maria Mazzarello. Foi grande a sua humildade. Dir-se-ia que jamais perdeu a lembrança de sua origem, de sua condição e de seu humilde trabalho: camponesa, pequena costureira da vila... a quem faltou a mais modesta instrução, dirá Pio XI no discurso de beatificação de Maria Domingas⁽⁶⁵⁾.

Soube ela realizar, na humildade e simplicidade, a sua vocação de discípula.

Entre as Irmãs, era uma presença de quem estava a serviço, de quem vai de encontro:

“Eu lhe recomendo muito a humildade e a caridade. Se você praticar estas virtudes, o Senhor a abençoará como também as suas obras e assim poderá fazer um grande bem”...

“Que a humildade seja a virtude mais querida por você”...

“Não desanime quando se perceber cheia de defeitos, mas, com confiança, recorra a Jesus e a Maria com humildade, porém, sem desânimo; e depois, coragem e para frente, sem medo”⁽⁶⁶⁾.

A alegria

A alegria é o melhor testemunho da autenticidade de uma vida totalmente entregue ao Senhor.

Madre Mazzarello soube tornar transparente e comunicativa a alegria de pertença exclusiva a Deus, não apenas sendo alegre individualmente, mas sobretudo por ajudar a construir a primeira Comunidade de Mornese, comunidade pascal, onde cada membro vivia e irradiava a alegria todos os dias, na simplicidade de coração.

Sua alegria não era superficial e transitória, mas profunda, eterna, brotada da Cruz redentora, fruto do “amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (*Rom 5,5*).

Alegria fundamentada no amor do Pai, na cruz de Cristo, na comunicação do Espírito Santo, na serenidade da oração, na presença materna de Maria Santíssima.

Falar da alegria em Madre Mazzarello, não significa ignorar a dor, o sofrimento, a morte. Significa, porém, descobrir o sentido da cruz e a beleza da consagração provenientes da fecundidade do Mistério Pascal.

Maria Mazzarello estava convencida de que a verdadeira fonte da alegria não é o sucesso, mas a profundidade do silêncio na fecundidade da cruz. “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica só. Se, porém, morrer, produz muito fruto” (Jo 12,24). Estava convencida, também, de que a alegria, o bom humor e a jovialidade afloram quando esta verdade deixa de ser uma doutrina e passa a ser uma vivência, uma efusão do coração.

Compreendia que uma religiosa madura e interiorizada deve ser profeta da alegria de viver e convidava suas Irmãs a participarem alegremente do jogo de Deus, desdramatizando a vida e esforçando-se para caminhar, com seriedade e serenidade, na vida do Espírito.

“Você me diz que tem bastante trabalho para fazer, e eu me alegro com isto, porque o trabalho é o pai de todas as virtudes. Trabalhando, os “grilos” fogem todos e se está sempre alegre”⁽⁶⁷⁾.

Com simplicidade recomendava às suas Filhas a verdadeira alegria que brota do íntimo, quando não se pensa mais em si. E se entusiasmava quando constatava nas Irmãs esta alegria.

“Você me escreveu dizendo que está de bom humor, e fiquei contentíssima; trabalhe bastante para merecer o paraíso...”

“Esteja sempre alegre e reze sempre por mim...”

“Coragem, minhas boas Irmãs, estejam sempre alegres e tornem-se santas logo...”

“Para ser alegre é preciso caminhar com simplicidade, não procurar satisfação nem nas criaturas nem nas coisas deste mundo”⁽⁶⁸⁾.

A vida de nossa Madre é, para todos, especialmente para as gerações mais jovens, evidente testemunho da bondade do Pai e um forte convite para a alegria pascal.

A abnegação

A abnegação pode definir-se como “uma disposição interior nossa que facilita a prática das outras virtudes, eliminando tudo o que lhes é contrário, como, por exemplo, o amor próprio, o egoísmo”.

É a ascese de todo o ser que reconhece a santidade e a majestade divina, renovando cada dia o mistério de Cristo Jesus, mistério de morte e ressurreição e, portanto, de alegria.

Cristo é o motivo, a razão e a medida de toda abnegação. “Para seguir o Mestre cada cristão deve renegar-se a si mesmo, carregar cada dia a sua cruz” (Mt 9,23), participar dos sofrimentos de Jesus. Transformado desta maneira numa imagem da sua morte, torna-se capaz de merecer a glória da ressurreição. No seguimento de Cristo deverá não mais viver para si mesmo, mas para Aquele que o amou a ponto de oferecer a sua vida em sacrifício; deverá, ainda, viver para os irmãos, completando em seu Corpo o que falta aos sofrimentos de Jesus Cristo em favor do seu Corpo, que é a Igreja” (69).

Para Madre Mazzarello, “a vida religiosa é, por sua natureza, uma vida de sacrifício, de renúncia e de privação” (70); é, antes de tudo, participação da cruz do Filho de Deus; é algo oposto da concepção do mundo sobre a vida. Por isso, não deseja absolutamente que suas Irmãs construam um mundo na vida religiosa: “deixemos — afirma ela — que os mundanos gozem; será por pouco tempo; compadeçamo-nos deles. Quanto a nós, nosso gozo deve ser o padecer, o sacrificar-se sempre por amor de Deus” (71).

No seu grande amor para com Deus e as Irmãs, com grande retidão insiste, nas suas cartas, sobre dois conceitos vitais: “Espírito de mortificação e alegria”. “É preciso fazer sacrifícios enquanto vivemos; façamo-los de boa vontade e alegres (...) Coragem, queridas Irmãs, Jesus deve ser a nossa força. Com Ele, os pesos se tornam leves; as fadigas suaves, os espinhos convertem-se em consolações... Mas é preciso fazer violência, vencer-nos a nós mesmas, se não tudo se torna insuportável...” (72).

A Irmã Pacotto, responsável pela formação das postulantes, escreve: “Recomenda-lhes que reflitam sobre o fim pelo qual querem entrar na vida religiosa. Que conquistem o espírito de mortificação, de sacrifício, de obediência, de humildade, de desapego de tudo o que não é Deus” (73).

Madre Mazzarello encarava a mortificação como motivo de força para o Instituto nascente e o seu grande temor era que, afrouxando-a, sobreviesse o enfraquecimento do espírito do Instituto. Por isso, repetia sempre às suas Irmãs: “Na hora da nossa morte estaremos... tanto mais contentes, quanto mais nos tivermos mortificado” (74).

Tal preocupação não se atenuará com o tempo: há de provocar-lhe uma famosa noite de insônia e ditar-lhe uma memorável conferência; memorável, porque se projeta sobre o futuro do Instituto:

“Agora, nossa obra cresce e vai tomando, cada vez mais, maiores proporções (...) Tudo isso irá provocando, aos poucos, grandes mudanças na vida das F.M.A. Eu não estarei mais viva; mas vocês vão ver introduzirem-se, pouco a pouco, alguns melhoramentos (...) Vão ter, à sua disposição, tudo aquilo que é próprio de uma família abastada. Pelo amor de Deus! Não

permita o Senhor que tudo isso lhes faça perder o bom espírito, o espírito de Dom Bosco, o espírito do nosso Jesus (...) Pelo amor de Deus, mesmo no meio das maiores comodidades, continuem a amar de verdade, praticamente, a pobreza da qual foi mestre o nosso Redentor, e cujo espírito tão bem aparece no nosso bom Pai, Dom Bosco” (75).

Com o passar dos anos, a Congregação cresce. E Madre Mazzarello, ao perceber que a austeridade exterior vai aos poucos diminuindo, dirige a atenção de suas filhas para a mortificação interior. Pergunta na conferência do fim do ano: “A vida de comunidade e o próprio trabalho, muitas vezes, já impõem sacrifícios... Seria isto o suficiente? Não, não! Uma boa religiosa não se contenta com o que as circunstâncias vão trazendo consigo; ela encontra jeito de ir muito além, por amor do Senhor, das almas e da sua pobre alma. Há uma maneira de mortificar o próprio modo de pensar, a própria vontade, o coração, os sentidos; existe a obediência e a humildade, que tanto exigem de nós embora ninguém o possa ver e nenhum ouvido humano o possa perceber” (76).

Tudo isto, porque Madre Mazzarello entendeu a mortificação como meio de purificação e de libertação de nós mesmos e dos condicionamentos internos e externos: “Ele corta o ramo que em mim não produz fruto. Mas todo ramo que produz fruto, ele o poda para que produza mais frutos”. (Jo 15,1-2). A poda não é feita para mutilar a árvore, mas para concentrar a linfa no tronco de modo a torná-la mais forte e vigorosa, em vez de dispersar-se em ramos inúteis.

A vida consagrada

A vida consagrada é uma especial proclamação da Páscoa. Sinal, testemunho e profecia da nova vida em Cristo. Como especial aprofundamento do batismo é, também, inserção mais profunda na morte e na ressurreição do Senhor.

Madre Mazzarello, em sua simplicidade, compreendeu o profundo significado da vida consagrada, tornando-se, no seu tempo, anunciadora da vida eterna e um convite vivo para a busca dos bens invisíveis e para a vivência em profundidade da verdadeira vida na oração, na caridade, na cruz.

Fez de sua consagração um anúncio do Mistério Pascal que é essencialmente um mistério de amor e de esperança.

Percebeu logo que a vida religiosa é sinal de radicalização na entrega. é totalidade da entrega ao Absoluto, da disponibilidade para o serviço no Reino. Assim, em Madre Mazzarello, a consagração ao Senhor é um ato implícito de amor aos irmãos. Marcada pelo amor divino em todas as expressões da sua vida,

levava este empenho radical de santidade até às suas Irmãs, num convite contínuo de renovação de compromisso: “Lembrem-se sempre dos 3 votos que fizeram com tanto ardor e pensem frequentemente em como observá-los”.

Mesmo externamente, irradiava aquele amor que a fez consagrar-se toda a Deus desde a mais tenra idade: “Olhando para o seu modo de ser, percebia-se nela um coração totalmente puro” (77).

Mazzarello viveu intensamente sua consagração batismal, na prática dos votos de castidade, pobreza e obediência; oblação alegre e total ao Pai, capacidade de serviço à juventude.

Muitas vezes, experimentou a pobreza no seu sentido mais radical e abraçou-a generosamente, tendo os olhos fixos Naquele que se fez pobre. Toda a sua vida foi um admirável testemunho desta pobreza que proclama o Cristo como o único Necessário.

“Amem o espírito de mortificação, amem a pobreza que deve ser a virtude de vocês” (78).

“Que Jesus lhes dê um verdadeiro espírito de pobreza, de mortificação da própria vontade e as mantenha sempre fiéis e fervorosas no serviço do Senhor” (79).

A obediência, para Madre Mazzarello, era configuração a Cristo, que veio para fazer a vontade do Pai, e comunhão que, “obediente até a morte”, fez-se servo dos próprios irmãos para libertá-los”.

Para ela, a vontade de Deus se tornava presente na vontade do homem.

“Preparemo-nos para tudo, mas obedeçamos. É preciso obedecer... obedecer a Dom Bosco, porque é um Santo e porque vê longe” (80).

A Vida Consagrada, em Madre Mazzarello, é uma aliança de Amor, em que Deus toma a iniciativa e empenha sua inquebrantável fidelidade.

Sua consagração realizou, manifestou e celebrou esta aliança que não se rompe.

Podemos, então, sem receios, situar a Vida Consagrada de Nossa Madre como uma aliança de amor, manifestada no seu radicalismo à pobreza voluntária, na fecundidade do amor virginal e na auto-realização de uma obediência levada até a morte na cruz.

Sua consagração foi tudo isto! Verdadeira celebração festiva de um Amor vivido na plenitude e que encontra eco, até em nossos dias, no Instituto das F.M.A.!

Ação apostólica

A entrega radical de Madre Mazzarello a Deus e a Cristo toma a forma de uma doação total à Igreja na pessoa das jovens pobres e abandonadas.

Maria Mazzarello, como religiosa ativa, encontra na sua própria atividade-entrega o caminho concreto por excelência para sua santificação e matéria para seus momentos de intimidade com o Senhor.

A ampla entrada da palavra de Deus na existência desta mulher-consagrada não fez dela uma pessoa desligada das coisas, da vida e das necessidades do seu povo. Pelo contrário, transformou-a em um ser aberto e preocupado com os problemas dos outros, da juventude feminina abandonada e da Igreja.

Ela entendeu o Evangelho “para além do preceito”, fazendo do ideal religioso e da doação apostólica um todo maravilhoso.

As páginas do primeiro volume da crônica são o retrato de uma pastoral rica de conteúdo, com uma visão muito ampla que se insere na vontade salvífica universal de Cristo. E é no ambiente de espiritualidade e de apostolado paroquial que nasce, cresce e consolida-se a vocação religiosa de Madre Mazzarello.

O mesmo elo comunicou às suas primeiras filhas, às primeiras missionárias que, de além-mar, escreviam a Dom Bosco, em 1879:

“... todos os domingos vamos à paróquia ensinar o catecismo às meninas. Consola-nos muito poder dizer-lhe que nos sentimos rodeadas e ouvidas também pelas mulheres”⁽⁸¹⁾.

Maria Mazzarello sentia-se responsável, na Igreja, pelo anúncio do evangelho vivo, pelo dever de anunciá-lo com criatividade, procurando novas formas para o seu tempo mesmo que tivesse de enfrentar sérias dificuldades e resistências por parte da comunidade local.

Olhando para ela, sob o prisma eclesial, percebemos que realizou sua missão cristã, religiosa, através de uma atividade educativa e pastoral que foi, ao mesmo tempo, caridade dinâmica, testemunho e evangelização.

Maria Mazzarello é testemunha de Jesus Cristo, graças à sua caridade apostólica, essencialmente realista e encarnada; fiel seguidora do apóstolo João que, na sua primeira carta 3,18, assim falou: “Filhinhos, não amemos só de boca, nem de língua, senão com atos e de verdade”...

Sua vida apostólica salesiana é um Amor traduzido em atos; é um “deixar tudo” para lançar-se no Único necessário e para estar, toda, a serviço do Reino na Igreja e pela Igreja.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) WIRTH, Morand — SDB
Dom Bosco e os Salesianos
Editorial Dom Bosco — S. Paulo — 1971
pág. 140
- (2) CAPETTI, Giselda — F.M.A.
Cronistoria dell'Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice n.º 1
Scuola Tipografica Privata — FMA — 1974
- (3) Em favor da família
CNBB — n.º 3
4.ª edição — Edições Paulinas — 1975
- (4) MACCONO, F. — SDB
Santa Maria Mazzarello
I Vol. — 1960
pág. 17
- (5) Ibidem n.º 2
pág. 45
- (6) Ibidem n.º 2
pág. 34
- (7) Ibidem n.º 2
pág. 41
- (8) Ibidem n.º 2
pág. 31
- (9) Ibidem n.º 4
pág. 30
- (10) Ibidem n.º 2
pág. 31
- (11) Ibidem n.º 4
pág. 33
- (12) Ibidem n.º 4
pág. 38
- (13) Ibidem n.º 2
pág. 53
- (14) POSADA, Maria Esther — F.M.A.
Lettere di S. Maria Mazzarello
Editrice Ancora Milano — 1975
Let. 11,3 — pag. 73
- (15) DALCERRI, Lina — F.M.A.
Uma vida segundo o Espírito
São Paulo — 1974
pág. 48
- (16) Ibidem n.º 4
pág. 54
- (17) Ibidem n.º 2
pág. 66
- (18) POSADA, Maria Esther — F.M.A.
Corso di spiritualità Salesiana I (apostila)
Anno Accademico — 1974-1975

- (19) **MACCONO, F.** — SDB
 Santa Maria Mazzarello
 Vol. II — 1960
 pág. 164
- (20) Ibidem n.º 19
 pág. 57
- (21) Ibidem n.º 4
 pág. 67
- (22) **CASTANO, Luigi** — SDB
 Santità Salesiana
 Società Editrice Internazionale — 1966
 pág. 34
- (23) **LEMOYNE, Giovanni Battista**
 Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco
 Libreria Salesiana Editrice — 1909 — Vol. VII
 pág. 291
- (24) Ibidem n.º 23
 pág. 680
- (25) **FAVINI, Guido** — SDB
 La Beata Maria Domenica Mazzarello
 Scuola Tipografica Privata — Torino — 1939
 pág. 84
- (26) Ibidem n.º 4
 pág. 88
- (27) Ibidem n.º 2
 pág. 98
- (28) Ibidem n.º 4
 pág. 130
- (29) Ibidem n.º 4
 pág. 129
- (30) **PESCI, Caterina** — FMA
 Lei, la prima
 Scuola Tipografica Salesiana — Torino — LDC — 1951
 pág. 20
- (31) Ibidem n.º 25
 pág. 87
- (32) Ibidem n.º 2
 pág. 150
- (33) Ibidem n.º 2
 pág. 149
- (34) Ibidem n.º 1
 pág. 183
- (35) Ibidem n.º 1
 pág. 188
- (36) Ibidem n.º 25
 pág. 94
- (37) **MONTIGIANI, Primetta** — FMA
 Vie diritte 1 — 1975
 pág. 85
- (38) **CERIA, Eugenio** — SDB
 Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco
 Edizione extra — commerciale — 1877-78

- (39) Ibidem n.º 4
pág. 238
- (40) Ibidem n.º 4
pág. 222
- (41) Ibidem n.º 4
pág. 230
- (42) Ibidem n.º 4
pág. 182
- (43) CAPETTI, Giselda — F.M.A.
Note storiche sulle Costituzioni delle F.M.A.
pág. 13
- (44) GIUDICI, Maria Pia — FMA
Mãe e Mestra
Edição do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora — 1964
pág. 165
- (45) MAINETTI, G. — F.M.A.
Una Educatrice nella luce di S. Giovanni Bosco
pág. 45
- (46) BERTETTO, D. — SDB
Santa Maria Domingas Mazzarello
Edições Salesianas — Porto — 1961
pág. 30
- (47) Ibidem n.º 4
pág. 367
- (48) Ibidem n.º 19
pág. 111
- (49) Ibidem n.º 14
pág. 74 — Let. 11,4
pág. 95 — Let. 19,20
- (50) Ibidem n.º 2
pág. 291
- (51) Ibidem n.º 4
pág. 296
- (52) Ibidem n.º 14
pág. 112 — Let. 26,3
- (53) Ibidem n.º 4
pág. 291
- (54) Ibidem n.º 15
pág. 63
- (55) Ibidem n.º 14
pág. 95 — Let. 19,21
- (56) Ibidem n.º 14
pág. 117 — Let. 29,3
- (57) Ibidem n.º 14
pág. 164 — Let. 52,2
- (58) Ibidem n.º 2
pág. 98
- (59) Ibidem n.º 19
pág. 42

- (60) *Ibidem* n.º 14
pág. 93 — Let. 19,12
pág. 112 — Let. 26,3
pág. 188 — Let. 66,5
- (61) *Ibidem* n.º 14
pág. 96 — Let. 20,3
- (62) *Ibidem* n.º 14
pág. 127 — Let. 34,2
- (63) *Ibidem* n.º 3
pág. 105
- (64) *Ibidem* n.º 14
pág. 170 — Let. 55,7
- (65) *Ibidem* n.º 56
pág. 17
- (66) *Ibidem* n.º 14
pág. 190 — Let. 68,3
pág. 189 — Let. 67,2
pág. 188 — Let. 66,4
- (67) *Ibidem* n.º 14
pág. 101 — Let. 22,5
- (68) *Ibidem* n.º 14
pág. 92 — Let. 19,15
pág. 98 — Let. 21,2
pág. 83 — Let. 15,3
- (69) Paenitemini I, t
- (70) Cronistoria — Vol. IV
pág. 300
- (71) Cronistória — Vol. III
pág. 298-299
- (72) *Ibidem* n.º 14
Let. 16
- (73) *Ibidem* n.º 14
Let. 21
- (74) Cronistoria — Vol. II
pág. 251
- (75) Cronistória — Vol. III
pág. 265-266
- (76) Cronistória — Vol. III
pág. 3000
- (77) MACCONO, F. — SDB
Lo Spirito e le virtù della Beata Maria Mazzarello
Scuola Tipografica Privata — FMA
pág. 267
- (78) *Ibidem* n.º 14
pág. 159 — Let. 49,5
- (79) *Ibidem* n.º 19
pág. 228
- (80) *Ibidem* n.º 77
- (81) *Ibidem* n.º 19
pág. 432

MARIA DOMINGAS MAZZARELLO
EXPERIÊNCIA FEMININA DO CARISMA SALESIANO

Madre Rosetta Marchese FMA *

O tema que me foi proposto para desenvolver, nesta Semana Salesiana, enfoca a “Experiência do carisma salesiano vivido por Maria Domingas Mazzarello, Co-fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas de Dom Bosco).

Mulher, ainda pouco conhecida por nós, dotada de alma instintivamente salesiana, foi de tal modo preparada pelo Espírito Santo que, desde o seu primeiro encontro com Dom Bosco, intuiu sua santidade e seu projeto apostólico.

De tal maneira compreendeu e tão fortemente assumiu a vocação salesiana, nela empenhando toda sua sabedoria, seu amor e criatividade feminina, que Pio XII, na homilia da canonização, a definiu como “a que viveu à sombra de Dom Bosco (Roma, 24/06/50).

Esta definição de Pio XII corresponde perfeitamente ao posicionamento interior de Maria Domingas depois que se tornou “a filha primogênita de Dom Bosco” (é importante notar que a expressão “filha primogênita” é usada pela própria Maria Domingas em uma de suas cartas ao Santo — Cf. Posada, M. Ester, “Cartas de M. Mazzarello”, p. 70).

O estudo desta figura histórica e da sua mensagem revela uma mulher que, por temperamento e formação, é atenta e receptiva, dinâmica e criativa diante da sua realidade; uma mulher “que soube enfrentar as situações e pessoas com as quais teve contato, inserindo-se no ambiente com sabedoria e responsabilidade.

Maria Domingas se apresenta, no quadro das Co-fundadoras do século XX, com uma personalidade bem definida e com uma missão específica, provenientes de dons de natureza e de graça,

* Conferência proferida na “Semana da Espiritualidade Salesiana”; França, agosto de 1979.

frutos de um verdadeiro carisma, dom do Espírito Santo que nela agia direta e indiretamente através das mediações particulares que influíram na sua formação como mulher-consagrada-Filha de Maria Auxiliadora-Co-fundadora-Mãe e Mestra de Vida espiritual. (Cf. Posada, M. Ester, "Introdução à espiritualidade de S.M. D. Mazzarello", p. 4).

Caminho espiritual e apostólico no itinerário da sua vida

Em primeiro lugar, procurarei dar uma visão sintética, mas indispensável, da sua vida e do seu itinerário espiritual, para que nos ajude a conhecer, ao menos um pouco, Maria Domingas na sua realidade essencial e a entender que não podemos prescindir dela e da primeira Comunidade de Mornese que, juntamente com ela, formam uma só coisa, para vivermos em profundidade o carisma salesiano feminino.

A sua existência desenrola-se no espaço de 44 anos (1837 a 1881) e desenvolve-se em sua maior parte em Mornese, pequena aldeia agrícola do Monferrato, pertencente à província de Alessandria, com uma população de 1.200 habitantes.

Terra rude, queimada pelo sol e cortada pelo vento.

No seu ambiente familiar

O ambiente familiar em que nasceu e cresceu é sereno, equilibrado, normal. É a primeira de sete irmãos, num lar sustentado sobretudo pela fé e pela sabedoria de papai José, homem honesto e trabalhador.

A família vivia do próprio trabalho, como todas as famílias simples da aldeia.

Maria, para ajudar a mãe, cuidava de seus irmãos menores. Isso desenvolvia nela o sentido da maternidade e revelava, ao mesmo tempo, um extraordinário talento educativo. Sabia manter os irmãozinhos bons e alegres com a narração de fatos agradáveis, como também sabia fazer-se obedecer por eles, não como a mãe que "com muitas palavras não obtinha quase nada", mas como o pai que "falava pouco, porém, de maneira resoluta e com eficácia" (cf. Cronistória I, 42).

Já maior, quando a família deixou a casa nativa "dei Mazzarelli" para transferir-se para Valponasca, a encontramos trabalhando nos vinhedos arrendados pelo pai.

"Sua força física e o seu próprio caráter inclinam-na para um trabalho viril" (Cronistória, I, 48). Nele supera, em resistência e rendimento, os homens que trabalham junto dela!

Parece que não era somente no catecismo que Maria desejava vencer todos os meninos (Cronistória I,34), mas também no trabalho do campo (Cronistória, I,44). Mais tarde, Irmã e Superiora, fará uma afirmação singular: "Ainda que sejamos mulheres, ninguém deve dominar-nos. O que é justo, é justo." (Maccono, "Suor M. Mazzarello", p. 158).

Na maturação progressiva de seu caráter feminino, Maria não sofreu complexos de inferioridade, mesmo tendo como virtude característica uma profunda humildade, fundamento de seu ardente amor e fonte de sua alegria comunicativa.

Adolescente que se abre para a vida, desejosa de conhecer e encontrar-se com pessoas diferentes, descobre no pai um precioso guia que a leva consigo aos mercados e feiras, saciando a sua legítima curiosidade, mas sempre atento para que nada turbe a pureza e transparência de sua primogênita.

Se precisássemos retratar M. Domingas entre os 17-18 anos, poderíamos descrevê-la assim: uma jovem robusta, trabalhadeira, que une:

- à delicada sensibilidade do coração, um temperamento forte e volitivo, levado a dominar;
- à sinceridade e à franqueza, a docilidade;
- ao ardor d'alma e à seriedade do empenho, um espírito arguto e libertado.

"Todos estes elementos contribuíram para determinar a sua personalidade e deixaram marcas na fisionomia do Instituto" (Cf. "Contributo di D. Bosco e di Madre Mazzarello al carisma di fondazione delle F.M.A., pp. 99-100)

Indubitavelmente, o Espírito Santo encontrou, em Maria, um bom terreno, graças ao trabalho de P. Pestarino, seu diretor espiritual. Nesta época, ela já havia superado sua aversão às pregações, a profunda repugnância para confessar-se, a típica vaidade feminina. Continuava a lutar contra o orgulho, obstáculo contra o qual sempre teve que combater. Talvez, devido a esta sua experiência pessoal, mais tarde exortou sempre suas filhas a combatê-lo sem descanso.

Sobretudo, inicia-se no segredo da oração e da Eucaristia. Cristo torna-se o centro para o qual orienta sua existência. Vence a preguiça e o sono, levantando-se todos os dias antes do sol e, algumas vezes, à noite, para encontrar-se diariamente com Jesus Eucaristia. Durante os trabalhos nos vinhedos, de vez em quando se afasta de todos para recolher-se um momento em oração. À tarde, permanece durante longo tempo na janelinha do sótão, com o olhar fixo e o coração preso ao Tabernáculo da Igreja paroquial. A sua vida de união com Deus torna-se sempre mais intensa, centralizada na Eucaristia e vivida sob o olhar materno

de Maria, venerada e amada como a Mãe das Dores (cf. Cronistória, I,80-81).

É importante este aspecto da primeira devoção de Maria Domingas à Virgem, como Mãe das Dores. Não deve desaparecer em nossa espiritualidade feminina a lembrança de que a Virgem das Dores é a Virgem co-redentora. Contemplando-a como co-participante do sofrimento redentor de Cristo, Maria Domingas aprende a orientar a sua vida interior para o dinamismo apostólico de participação na salvação das pessoas.

Na atividade paroquial

Chegam os anos da Imaculada! A proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria suscita o fervor mariano em todo o mundo e também em Mornese!

Nasce, por iniciativa de Ângela Maccagno, professora da aldeia, a Pia União das Filhas de S. Maria Imaculada.

M. Domingas estava entre as cinco primeiras inscritas.

Ela, que sempre havia vivido o sentido da amizade e partilhado os segredos de sua alma com a amiga Petronila, agora se abre à vida de grupo.

Um grupo que se havia imposto um regulamento, que falava “em prática privada dos conselhos evangélicos” e de “dedicar-se às meninas descuidadas pelos pais” (Cron. I,65).

Nele, Maria Domingas encontra eco para as suas aspirações interiores mais profundas.

Já havia feito, sem pedir conselhos a ninguém, sob a moção do Espírito Santo, o voto de virgindade e cultivava um intenso desejo de apostolado. Como Filha da Imaculada encontramo-la totalmente empenhada com a catequese para as meninas. Ao mesmo tempo, com a intuição que lhe é própria, alarga o seu campo de ação às mães. Isto não é formidável?

Bastante importante é este testemunho de Petronila: “Nas festas, depois da missa solene, reuníamos as mães em grupos de cinco e cada grupo era dirigido por uma Filha da Imaculada. Mas, as mães escolhiam com prazer o grupo de Maria Domingas, porque esta sabia melhor instilar o amor de Deus” (cf. Castano, “Santità Salesiana”, p. 33).

A doença

Neste momento, quando a piedade e o ardor apostólico começavam a harmonizar-se em Maria e a torná-la feliz com o seu modo de viver, o Senhor modifica a sua vida.

Uma chamada decisiva, através do P. Pestarino: “Você precisa ir ajudar os seus parentes, doentes de tifo”.

Um momento de hesitação da natureza forte e cheia de vida e depois a resposta: “Se o Senhor deseja, vou, mesmo com a certeza de que contrairei a doença” (Cron. I,87).

O SIM da camponesa de Mornese atinge o vértice do sacrifício consciente e total de si para Deus e para os irmãos.

De fato, contrai a doença e chega quase à morte.

Mas Deus não deseja a vítima!

Acontece, então, uma lenta ressurreição. São horas de angústia. Sua força viril desaparece. Diante dela as estradas fecham-se. Sente que a vida, que lentamente retorna a seus membros, não lhe pertence mais... e não sabe como orientá-la.

A oração que brota do profundo do seu espírito, totalmente purificado pela dolorosa experiência, é o sinal do seu caminho espiritual: “Senhor, se me deres um pouco de vida, faz que eu seja esquecida por todos, menos por Ti” (Cron. I,98).

Mudança de “Caminho”

Quando compreendeu, através do sofrimento, que o verdadeiro valor da vida é “viver escondida com Cristo em Deus” (Col 3,3), volta à luz e descobre uma estrada: a “sua” estrada!

A doença desgastou-lhe o físico, mas não lhe quebrou o vigor e a fortaleza do espírito. Maria Domingas se encaminha para a “sua” estrada, sem ouvir os falatórios da aldeia, superando as dificuldades surgidas na família e as incompreensões de algumas das companheiras de grupo.

A Virgem Co-redentora (das Dores), a Imaculada, “a primeira redimida entre os filhos da Igreja” (L.G, VIII, 53), a estimula a tornar-se, com Ela, “auxílio” para salvar a juventude.

Maria Domingas amadurece o propósito de separar-se da família e do grupo das Filhas da Imaculada, para criar “sua” família espiritual consagrada exclusivamente ao crescimento integral das meninas da aldeia.

Tem 23 anos!

Com Petronila, aprende costura, abre uma sala de trabalho, um pequeno orfanato, o oratório, com um objetivo bastante claro: reunir as meninas para torná-las boas e livres dos perigos. (Maccono, p. 71 e 77).

Agora, as Filhas da Imaculada se dividem em dois grupos: as que, sob a direção da Maccagno, vivem com a própria família e aquelas que vivem em comunidade com Maria Domingas. Esta,

graças à sua dinamicidade e espontâneo reconhecimento das companheiras, se torna a responsável pela pequena comunidade composta pelas Filhas da Imaculada, pelas meninas externas e por algumas internas.

Nasce, no campo feminino, como fruto de uma vocação apostólica em resposta às necessidades da aldeia, uma obra — ainda bastante modesta — que possui o mesmo objetivo do Oratório de Dom Bosco em Turim: “Recolher e educar jovens abandonados, para torná-los bons cristãos e honestos cidadãos”.

O encontro com Dom Bosco

O encontro com Dom Bosco acontece somente em 1864, quando Maria Domingas, já mulher de 27 anos, sob a ação do Espírito Santo, atingiu a sua maturidade.

“Este encontro é uma ocasião preparada pela Providência para que Maria tome maior consciência do significado do caminho percorrido até agora sob a direção de Deus, e para precisar melhor a meta e o caminho que deverá percorrer ainda, para realizar o seu designio” (cf Colli, *ibidem*, p. 109).

Temos duas expressões de Maria frente a Dom Bosco, expressões cheias de significado, que iluminam o seu itinerário de consagrada-apóstola, que enxerta o próprio carisma pessoal no carisma salesiano, para vivê-lo com sua típica personalidade:

“Dom Bosco é um Santo e eu o sinto!” (Maccono, 122).

Esta expressão dita na ocasião do primeiro encontro revela, da parte de Maria, a intuição de Dom Bosco como homem de Deus, como aquele tipo de santidade que responde às suas aspirações mais secretas.

Nos primeiros tempos da vida da Congregação, quando as dificuldades de todos os tipos surgiam, Maria disse:

“Mesmo se acontecesse o impossível, se P. Pestarino deixasse Dom Bosco, eu ficaria com Dom Bosco” (Cron. II,106).

Estas palavras revelam como M. Domingas sentia encarnada, em Dom Bosco, aquela intuição e realização de vida apostólica que Deus desejava para ela. “Dom Bosco, de sua parte, não poderia imaginar instrumento mais idôneo para a realização do seu projeto; um instrumento que ele não havia escolhido nem preparado, mas que a Providência o havia feito encontrar no momento oportuno e do qual o Espírito Santo se serviu para suscitar na Igreja um Instituto que refletisse, no feminino, a fisionomia da Congregação Salesiana” (Colli, *ibidem*, p. 92).

Quando chega a Mornese a proposta de Dom Bosco para a fundação de uma comunidade que trabalhasse segundo o seu espírito, Maria Domingas adere imediatamente, de maneira total,

livre e responsável. Ao longo dos anos, ela se tornará colaboradora direta e corresponsável, no sentido mais amplo do termo.

Filha de Maria Auxiliadora, salesiana de Dom Bosco

Quando, a 5 de agosto de 1872, juntamente com 11 companheiras, emite os votos na presença do bispo de Acqui e de Dom Bosco, tem 35 anos.

P. Lemoyne, um dos diretores espirituais mandados por Dom Bosco a Mornese, descreve-a assim: “Era de uma índole ardente, temperada pela doçura e caridade. Havia conquistado um grande domínio de si mesma e vivia continuamente na presença de Deus, sempre muito atenta para agradá-lo em tudo. Consumia-se de zelo apostólico. Possuía um grande bom senso; desagradava-lhe toda singularidade nas devoções. Possuía visão intuitiva, prontidão de julgamento e vontade enérgica. Era franca e sincera em suas opiniões, sabia sustentá-las, mas, depois, submetia-se às decisões dos Superiores. Seu coração era sensibilíssimo, imparcial com todos. O seu agir era desembaraçado, espirituoso, ainda que discreto, o seu porte era natural e nobre” (cf. M. B. X, 644).

Nesta descrição, não existem numerosos pontos em comum com a fisionomia espiritual de Dom Bosco?

Nos nossos fundadores, encontramos uma “direção linear,” isto é, um fio condutor que integra as potencialidades, interesses e capacidades pessoais ao redor de um valor central.

“A nossa é, na verdade, uma “espiritualidade simplificadora” (não simplista), capaz de levar a comportamentos e atitudes essenciais” (cf. M. E. Posada, *ibidem*, p. 15).

Fundada a Congregação, M. Domingas Mazzarello dirige-a por nove anos: sete em Mornese e dois em Nizza Monferrato.

Poucos anos, mas suficientes, graças à sua forte e harmônica personalidade, para deixar marca definitiva à “Comunidade de Formação” e para transmitir ao Instituto o “Espírito de Mornese”, definido pelo P. Caviglia, um dos primeiros estudiosos da espiritualidade salesiana, nestes termos:

“O espírito genuíno da salesianidade feminina”.

P. Viganò, um ano atrás em Mornese, lhe faz eco, dizendo:

“Mazzarello inaugura uma característica feminina na salesianidade” (cf. P. Viganò, “Non secondo la carne, ma nello Spirito”, p. 106).

Permanece sempre a mesma: humilde, ativa, dinâmica, alegre, toda entregue a Deus, a serviço das irmãs e das meninas (humildade, caridade, alegria, harmonizadas com uma extrema simpli-

cidade, são as características de seu caminho espiritual em grau ascensional até a morte), mas com um novo e grande empenho:

“Compreender, assimilar, realizar o carisma salesiano para as jovens”.

São deste período algumas expressões típicas da Santa:

— “Observemos a Santa Regra; ela nos foi dada por Dom Bosco e Dom Bosco sabe que o Deus e Maria desejam de nós”!

— “Vivamos na presença de Deus e de Dom Bosco!”

As Irmãs enviadas para a fundação da primeira casa em Turim, dizia: “Vocês, que estão vizinhas a Dom Bosco, são felizes! Oçam bem tudo o que lhes diz e depois me transmitam para que também eu possa imitá-lo” (Maccono, 272).

A experiência feminina do Carisma Salesiano

Podemos, agora, delinear as características do espírito de Mornese ou da salesianidade feminina:

— Vida de intensa união com Deus, centralizada na Eucaristia e vivida em grande simplicidade de estilo.

— Profundo amor a Maria das Dores, Imaculada, Auxiliadora, considerada Mãe, Inspiradora e verdadeira superiora do Instituto.

— Espírito de sacrifício e de mortificação heróica, como fruto de uma convicta e entusiástica união com Deus.

— Espírito de trabalho e de grande pobreza, uma pobreza aceita e amada porque torna, a quem a pratica, mais semelhante a Jesus pobre. — M. Domingas sempre teve predileção pela pobreza.

— Grande obediência e forte sentido do dever como expressão de adesão à vontade de Deus.

— Consciência viva de pertença a uma família religiosa que deve ter uma fisionomia e fins bem definidos tal como Dom Bosco a concebeu.

— Sentido vivo da comunidade como grupo que realiza um projeto apostólico de salvação da juventude e nesta realização encontra sua santificação.

— Exercício da autoridade no estilo familiar de colaboração fraterna. M. Domingas torna-se superiora porque as companheiras assim o desejam, mas todas juntas continuam a ajudá-la para a boa direção da casa. Ela, pois, convicta de ser somente a Vigária, porque a verdadeira Superiora é Nossa Senhora, coloca-se sempre a serviço de todas.

— Sentido da realidade, que predispõe as Irmãs, no âmbito do carisma, para assumirem toda iniciativa apostólica, conforme as necessidades locais.

— Abertura para grandes horizontes. E isto é o que mais impressiona no grupo daquelas camponesas de Mornese.

“O sentido da universalidade está ligado ao carisma salesiano e ao coração de Dom Bosco, mas surge também do surpreendente crescimento vocacional e do anseio missionário de M. Domingas e das primeiras irmãs” (Viganò, p. 122).

As duas primeiras fundações francesas estão ligadas à Madre Mazzarello, que visitou pessoalmente La Navarre e Saint Cyr, e depois com ardor inacreditável mandou as primeiras filhas para a América, desejando ir ela mesma” (Cf. M. E. Posada, “Cartas de Madre Mazzarello).

— Sentido de serviço à Igreja local, que se estende pouco a pouco a toda a Igreja. Grande amor ao Sumo Pontífice. “M. Mazzarello chegou a Roma com as duas primeiras missionárias e se encontrou com Pio IX. A recordação desta audiência permaneceu viva por toda a sua vida de tal modo que se emocionava todas as vezes em que nela falava” (Cf. Cron. II,283).

Em sete anos, o espírito de Mornese se consolida com uma força que, inegavelmente, vem de Deus: “Conquista força vital, capacidade de resistência, impulso de crescimento, facilidade de adaptação em qualquer lugar do mundo” (P. Viganò, *ibidem*, p. 124).

Esta é a experiência feminina do carisma salesiano!

O epistolário de Madre Mazzarello, na extrema simplicidade do estilo, evidencia claramente tal experiência, vivida sob a aprovação do Fundador.

P. João Cagliari, enviado por Dom Bosco a Mornese como Diretor espiritual das irmãs, deixa escrito, nas suas memórias, um singular testemunho muito significativo e empenhativo, para nós: “Dom Bosco me disse: ‘Você conhece o espírito do nosso Oratório, o nosso Sistema Preventivo e o segredo para fazer o bem: caridade paciente e bondade constante. Pois bem, estes requisitos M. Mazzarello os possui e por isto podemos ficar confiantes no governo do Instituto e das Irmãs... que, por sua vez, seguindo o modelo da Madre, não possuem outro fim senão o de santificar-se, fazendo o bem para a juventude’ (Maccono I, 224).

Madre Mazzarello exercerá nesta fidelidade a Dom Bosco a sua tarefa até quando se julgar apta para servir o Instituto. Quando, pelo desenvolvimento da obra, tiver a sensação de não poder mais continuar na sua missão, pedirá insistentemente para ser exonerada. Não sendo atendida pelos homens, recorrerá ao

Senhor com a certeza de que será ouvida e oferecerá a sua vida para o bem do Instituto” (cf Cron. III,361).

O próprio Dom Bosco confirmará que a vítima foi agradável ao Senhor (cf Cron. III,354).

Aos 44 anos, o projeto de Deus sobre ela estava realizado e a *experiência feminina do Carisma Salesiano* — vivido por ela, em primeiro lugar instintivamente por impulso do Espírito e depois conscientemente, como resposta à Vontade de Deus — *era uma nova realidade, dom do Espírito à sua Igreja.*

CARTAS DE SANTA MARIA MAZZARELLO

I. Maria Esther Posada FMA (*)

As cartas: ambiente histórico-espiritual

A primeira fonte dos ensinamentos espirituais de Santa Maria Mazzarello são suas cartas, únicos documentos autógrafos que dela nos restam. Seu estilo é simples, a linguagem direta e expressiva, denso seu conteúdo ascético.

Mesmo sem ter elaborado um "corpus doctrinale" em sentido estrito, a Santa expôs com autoridade seu pensamento ascético, fornecendo-nos uma série de temas que, traduzidos embora na linguagem do seu tempo, conservam um significado de perene atualidade, porque se referem a valores fundamentais que dizem respeito às virtudes humanas e cristãs.

Dentro desse quadro geral histórico-espiritual, vamos considerar os seguintes aspectos:

- a) contexto histórico do período durante o qual foram escritas as cartas
- b) os destinatários
- c) o grau de cultura da Santa ao escrever e, por conseguinte, o estilo da sua correspondência epistolar
- d) a estrutura
- e) os recursos de expressão
- f) os temas fundamentais das cartas.

a) *Contexto histórico-espiritual*

A correspondência da Santa abarca o período histórico compreendido entre 1874 e 1881, anos durante os quais Madre Mazzarello exerceu seu ofício de Superiora Geral ⁽¹⁾.

(*) O presente trabalho constitui a Introdução a *Cartas de Santa Maria Mazzarello*, publicadas pela "Pontificia Faculdade de Ciências da Educação" das Filhas de Maria Auxiliadora, Turim; *Editrice Ancora Milano*, 1975.

Em primeiro lugar, encontram-se as cartas endereçadas a Dom Bosco e ao P. Cagliero, Fundador um, e o outro Diretor Geral do Instituto⁽²⁾. De 1878 em diante, encontramos as que foram dirigidas às Filhas de Maria Auxiliadora.

Outras ainda, endereçadas a várias pessoas, correspondem aos anos de 1874 a 1880.

Devem ter sido numerosas as cartas que Maria Mazzarello escreveu às suas filhas. Infelizmente muitas foram queimadas pelas próprias irmãs, como expressão de desapego, ficando assim o Instituto privado de uma preciosa documentação.

Em 1877, a partida das primeiras missionárias para a América é um acontecimento da maior importância para o Instituto e constitui motivo para a maioria das cartas de Madre Mazzarello.

Portanto, o epistolário da Santa pode ser colocado, historicamente, num período que merece a designação de “primeiro crescimento” do Instituto, uma vez que desde 1874 tiveram início as fundações na Itália, seguidas pelas da França e da América.

É digno de nota que, a breve distância da fundação do Instituto, a Madre já deixe entrever uma certa qual consciência do “espírito” particular que caracteriza a nova família religiosa⁽³⁾. É o que, na história do Instituto, se chama de “Espírito de Mornese”, querendo significar, por antonomásia, a pureza — no mais rico sentido da palavra — do clima espiritual em que viveram as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora.

É um estilo simples de vida, caracterizado por valores aparentemente antitéticos que encontram sua perfeita integração e equilíbrio à luz do espírito evangélico: espírito de grande austeridade e alegria, de pobreza e de riqueza interior, de incansável laboriosidade e de contínua oração; espírito que brota de uma única fonte: o verdadeiro amor de Deus, alma da ação apostólica do Instituto. É uma vida de caridade evangélica que, na espiritualidade salesiana de São João Bosco, chama-se (2-1) simplesmente: espírito de família.

É assim que no-lo descreve, com poucas mas expressivas palavras, uma página que se conserva no Arquivo do Instituto: “Grande obediência, simplicidade, fidelidade à regra, admirável recolhimento e silêncio; espírito de oração e de mortificação: candor e inocência infantis; amor fraterno no trato e na conversação, com uma alegria tão santa que emprestava à casa um ambiente de paraíso. Não se pensava senão em Deus, não se falava a não ser do seu amor, de Maria Santíssima, e do Anjo da Guarda; trabalhava-se sempre sob seu dulcíssimo olhar, como se estivessem ali, visivelmente presentes, e nada mais se tivesse em mira. Como era bela a vida!⁽⁴⁾”

Esse quadro que, pelo estilo e pelo conteúdo, poderia parecer pouco de acordo com as exigências da situação social de nossos

dias, pode-se justamente justapor à descrição que Clemente Romano fez da vida dos primeiros cristãos, e que tem o frescor da água brotando da nascente: “Eram humildes, bem longe estavam da arrogância, mais dispostos a obedecer do que a mandar, mais felizes em dar do que em receber. Contentavam-se com os dons que o Cristo nos concede para nossa viagem mortal e os seus sofrimentos lhes estavam sempre diante dos olhos.

Gozavam assim de uma paz profunda, repleta de alegria; era insaciável seu desejo de praticar o bem: difundira-se sobre eles plenamente a efusão do Espírito Santo. Cheios de boa vontade, com ardor e confiança, levantavam as mãos em oração ao Deus onipotente, suplicando-lhe usar de misericórdia por alguma falta involuntária. Era entre eles contínua a porfia de caridade, dia e noite, porque desejavam que, pela sua concórdia e pelo seu amor, nenhum dos eleitos se perdesse.

Eram francos, simples, e não sabiam guardar rancor. Era bela sua vida, rica de virtude e santidade; sua maneira de agir era sempre guiada pelo temor de Deus, e os mandamentos e os preceitos do Senhor estavam inscritos no íntimo dos seus corações”⁽⁵⁾.

As cartas de Santa Maria Mazzarello refletem admiravelmente o clima espiritual das origens, o “Espírito de Mornese”, e deles são, portanto, a mais autorizada expressão escrita.

b) *Os destinatários*

Todas as cartas da Santa são endereçadas a pessoas que, de uma maneira ou de outra, tiveram especiais relações com o Instituto. Sob o ponto de vista dos destinatários, elas podem ser assim classificadas:

— *Cartas aos Superiores salesianos: dezesseis*

Cinco são endereçadas a Dom Bosco: dessas cinco, duas — que têm igualmente caráter comunitário, pois a Madre une-se às Superiores do Capítulo e às Irmãs Professas ao expressar seus votos onomásticos e natalícios — são muito expressivas no que diz respeito às relações entre os dois Santos. Cinco cartas têm como destinatário o P. João Cagliero, primeiro Diretor Geral do Instituto, para com o qual a Santa conservou sempre uma atitude de grande espontaneidade e confiança; desejou tê-lo a seu lado no leito de morte, o que lhe foi concedido. De maneira espontânea, e muitas vezes jovial, a Madre lhe dá notícias do nascente Instituto. Sente-se seu ardor missionário, a sempre maior consciência que toma da expansão do Instituto, seu senso de responsabilidade e sua confiança em Deus e em Dom Bosco.

— *Cartas às Filhas de Maria Auxiliadora: quarenta e três*, entre cartas propriamente ditas e bilhetes.

Vinte e um dos seus escritos são endereçados às missionárias da América. De 1879 em diante, temos além disso cartas dirigidas às Irmãs da Europa.

É interessante notar que, mesmo se endereçadas a uma determinada Irmã, as cartas da Madre tornam-se muitas vezes “comunitárias”, da mesma maneira que nas cartas “comunitárias” não faltam breves períodos dirigidos às Irmãs em particular, o que revela a grande capacidade de intuir o estado de espírito de suas filhas, às quais dá oportunos conselhos. Evidentemente, há cartas cujo caráter é estritamente pessoal.

É de notar também uma certa criatividade nos cabeçalhos das cartas, que variam de acordo com as destinatárias ⁽⁶⁾.

Observa-se ainda uma progressividade nas expressões de afeto materno e na maneira de apresentar os ensinamentos espirituais; ocasionalmente, a princípio, e depois de forma sistemática e quase como que obedecendo a um esquema. A algumas cartas dá quase o caráter de “Cartas Circulares”, querendo chegar, através da destinatária, às “outras irmãs” de determinada região.

Além das notícias alegres ou tristes da Comunidade, além das exortações e dos conselhos, encontram-se notícias dos parentes das irmãs. Em todas as cartas, a forma jovial e arguta em nada diminui a solidez e a seriedade do pensamento ascético.

— *Cartas várias: nove*

São dirigidas a pessoas diversas: sacerdotes, benfeitores do Instituto, pais das alunas e às próprias alunas. Significativa pela simplicidade do estilo e pelo conteúdo educativo, a breve carta a Maria Bosco, sobrinha-neta do Fundador. Graciosa e espontânea, a carta às meninas americanas.

c) *Preparação da Santa para escrever*

Santa Maria Domingas aprendeu a escrever aos 35 anos de idade. A cronistória do Instituto no-la apresenta aluna entre as alunas de Mornese ⁽⁷⁾.

Ela, a Superiora do novo Instituto, aprendeu a escrever, devemos dizê-lo, sem hesitações, para poder comunicar-se com os Superiores salesianos e com as filhas distantes.

Os traços de sua caligrafia revelam o quanto se empenhou para sair-se bem. Desde o início firmes e retos, vão progressivamente tornando-se mais seguros e claros.

Mas, desde menina, a Santa sabia ler. Privada, embora, de cultura, sua formação espiritual foi sólida.

É conhecida a tenacidade de sua vontade e os dotes de inteligência que demonstrou no estudo do catecismo, fonte, aliás, de sua formação religiosa. Ignoramos se ela conheceu a Bíblia — o que é pouco provável, dado o contexto histórico e ambiental em que viveu, embora não se possa descartar a hipótese de que tenha conhecido os Evangelhos e as Cartas paulinas diretamente e não somente através da transmissão oral ⁽⁸⁾.

O grupo das “Filhas de Maria Imaculada” era dirigido por sacerdotes virtuosos e cultos ⁽⁹⁾. A formação ascética que receberam do P. Pestarino, bem como a que iam aos poucos recebendo do teólogo Frassinetti, baseava-se na teologia moral de Santo Afonso de Ligório ⁽¹⁰⁾. Além das obras de Frassinetti, a Santa conheceu, direta e indiretamente, a doutrina de Santa Teresa de Jesus ⁽¹¹⁾.

Leituras sólidas, fundamentadas sobre uma doutrina moral-ascética e não “piedosas devoçõezinhas” — constituíram o alimento de seu espírito, durante a adolescência e a juventude.

O contato com Dom Bosco, formado também ele na escola de Santo Afonso, além de na de São Francisco de Sales ⁽¹²⁾, realizou-se primeiramente de forma esporádica e depois em continuidade, uma vez fundado o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Esse contato trouxe novos elementos ao estilo de vida da Santa, que já era “salesiana por instinto” ⁽¹³⁾, bem como à orientação que tomou seu apostolado. Ela recebeu tal influxo de maneira atenta e criativa e pôde assim transmiti-lo às primeiras Filhas de Maria Auxiliadora de forma muito pessoal e característica.

Suas relações com Dom Bosco ajudaram-na a aprofundar o estilo próprio da “caridade apostólica” e da “simplicidade salesiana”, fundamentados ambos na retidão do ser e do agir.

O conhecimento e a experiência do espírito salesiano acentuaram nela uma atitude interior que lhe era própria: a “santa alegria”, aquela contínua alegria que caracterizou, conforme já dissemos, o “Espírito de Mornese” e que a Santa exprime nas suas cartas com o habitual: “Estejam sempre alegres”.

Dom Bosco foi o “mestre” ⁽¹⁴⁾ do qual ela recebeu principalmente o conhecimento ascético que veio alimentar todo o seu ensinamento espiritual.

d) *Estilo e estrutura das cartas*

O estilo da correspondência da Santa é o de quem “conversa”, de quem dialoga com o interlocutor, que tem vivo diante de si,

ao ponto de fazer-lhe perguntas e, às vezes, de levá-lo a responder às mesmas.

O modo de expressar-se é ameno, não tem nada de artificial; os erros de gramática (consoantes duplas, pontuação, palavras inúteis) são a prova de autenticidade do manuscrito; as expressões em dialeto dão à conversa um sabor familiar.

As reflexões espirituais, porém, são sóbrias, despidas de exaltação religiosa e sem descrições prolixas dos fatos. Há lógica no pensamento, embora o mesmo não se observe na continuidade dos argumentos.

São afetuosas as expressões com que se dirige às Filhas de Maria Auxiliadora; chama-as de “irmãs” e de “filhas”; nutre por elas uma ternura sem fraquezas: “quero muito bem a vocês — escreve — como quando vocês estavam comigo em Mornese” (C 42) e assegura a cada uma: “não me esquecerei jamais de você” (C 65).

Expressões enérgicas revelam os traços de sua psicologia: “Perdoe a liberdade com que lhe escrevo”, diz a um sacerdote, a quem expõe com clareza a verdade em relação a uma situação equívoca (C 1). É clara na descrição dos fatos e prudente nos juízos que emite a respeito das pessoas e situações: decidida e perspicaz, na intuição psicológica no que diz respeito à escolha e formação do pessoal: ... “não houve profissões porque não estão ainda maduras” (C 17); ... “é preciso estudar a índole de cada uma e saber domá-la” (C 22); ... “se... andarmos mais devagar, dentro de alguns anos teremos sujeitos nos quais nos poderemos fiar para serem enviados para qualquer lugar e com quem quer que seja” (C 13). É expansiva e, todavia, reservada nas relações com os Diretores Salesianos: “Parece um século que não o vemos”, escreve ao P. Cagliero (C 3); “... trate-me como um pai trata sua filha primogênita”, pede a Dom Bosco (C 8); “Meu bom pai — escreve ao P. Lemoyne, que se encontrava em Mornese — tenha coragem, fique alegre; eu me lembro sempre do Senhor!” (C 18). Mostrava-se jovial e, às vezes, espirituosa ao falar com o interlocutor; ao imaginar ou descrever situações: “Enquanto lhe escrevo — diz ao P. Cagliero — V. Sa. esteja (2) talvez (1) dormindo, porque aqui são dez horas da manhã. Ouvindo isto, as educandas riem e querem que lhe escreva alguma coisa em nome delas...” (C 3). Manifestando seu desejo de ir para a América, diz que não tem medo dos “selvagens”, embora lhe tenham dito que “eles comem os cristãos”, pois a ela, “tão seca”, certamente não a comerão (C 7).

A estrutura geral das cartas é muito simples. Depois do cabeçalho, precedido de uma saudação característica⁽¹⁵⁾, segue-se o corpo da carta, geralmente constituído (quando se destinam aos Salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora) pelas notícias referentes à comunidade de Mornese ou sobre as outras Casas,

seguindo-se considerações e recomendações de caráter ascético-pedagógico, que ela insere, às vezes, em forma de conversação.

A conclusão é breve, a assinatura quase sempre de seu punho, acompanhada de expressões várias⁽¹⁶⁾, indicando geralmente suas relações com o destinatário da carta.

Os meios de expressão

Embora escreva com espontaneidade, a Santa usa meios particulares de expressão que caracteriza suas cartas sob o ponto de vista estilístico e pedagógico-ascético.

Madre Mazzarello recorre a não poucas imagens expressivas. Revelam elas sua maneira concreta de expressar-se, o que impede que assumam, às vezes, o lirismo de algumas comparações ricas de significado.

As que a Santa mais usa são as imagens do *jardim* (C 50), da *horta* (C 58) que representa o coração, onde crescem as *flores* (as virtudes, C 24,50), ou então as *ervas daninhas* (C 55); os defeitos, ou então as virtudes, são frutos do nosso jardim (C 55).

O trabalho apostólico é o campo (C 59) que o Senhor nos confiou. As imagens do fogo (C 19,24) e da lenha (C 24) representam os atos virtuosos que afervoram o amor. Os espinhos (C 19) são os sofrimentos que se transformarão em “doçuras”. As malignidades do coração são chamadas de “pústulas” (C 19), que rebentam no coração e se multiplicam.

A imagem do mar imenso, que separa a Madre das filhas distantes (“daquela longínqua região que se chama América”), aparece nas cartas dirigidas às missionárias (C 19).

A lembrança da neve se transforma em poesia quando a Madre compara o Natal de Mornese com o que o P. Cagliero passará em terras americanas: “Escreva-nos também para dizer se não lhe parece esquisito celebrar as festas natalícias e do ano-novo em pleno verão! A mim me parece que não devem ser tão belas essas festas em tal estação; será verdade? A neve que cobre nossas campinas, o silêncio que reina por toda parte, nos dão uma idéia clara do Deus Menino reclinado numa manjedoura, por todos abandonado, tremendo de frio!” (C 3).

Encontramos, além disso, imagens inspiradas nas ações mais comuns, da vida de cada dia. Muito freqüente e expressiva é a imagem da casa, aplicada ao conceito do “Paraíso” (C 57); Casa de Maria, ou então, Casa de Nossa Senhora, é como ela chama, por antonomásia, a primeira Casa do Instituto (C 1,2,3,4).

A própria Casa de Mornese é o ninho, imagem que aplicará às primeiras fundações da América (C 5). Em outras ocasiões, a comunidade aparece sob a imagem da barca (C 24).

Usa freqüentemente algumas imagens para indicar o céu; lembra com freqüência a continuidade que existe entre a comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora na terra, e a outra que, desde os primeiros anos, se está constituindo no céu. Chega até a convidar Dom Bosco a “dirigir”, um “dia”, aquela comunidade (C 8).

Faz votos, para os outros e para si mesma, de ter “lá em cima” um trono esplêndido e uma esplêndida coroa (C 59). Com toda a facilidade, compara as coisas da terra às coisas do céu (as festas litúrgicas, os lugares magníficos que as missionárias visitaram em Roma, etc.) (C 42,43).

Deve-se, porém, observar que a realidade não é sublimada nem transferida para outra esfera: é transfigurada pelo verdadeiro sentido que se sabe dar às coisas.

Para “entrar” no céu, é preciso caminhar pelo caminho certo, sem parar pela estrada que exprime às vezes em tom de brincadeira: “...” não quero me perder pelo caminho, como seria “andare a Mortara”, mas quero entrar logo naquela casa deliciosa” (C 7). As imagens que dizem respeito à vida exprimem seu aspecto ascético e de combate. Nossos dias, diz ela, são dias de combate (C 15): a vida é uma guerra contínua, uma batalha (C 20).

A necessidade de estarmos preparadas para a hora da morte é expressa, de maneira realista, quando exorta a evitar encontrar-se com as mãos vazias, mas a procurar, ao contrário, ter pronto o enxoval das virtudes.

O caminho mais seguro é a Regra, que chama também de guia: a oração é a chave que abre os tesouros do céu (C 15), mas é também a arma por excelência para os combates desta vida (C 66).

Falando das virtudes, diz que a alegria é sinal de um coração que ama o Senhor (C 60), ao passo que a modéstia é uma luz que se deve fazer brilhar diante de todos (C 67).

O amor-próprio (amor desordenado de si mesmo) é um tema freqüente que aparece — segundo uma imagem característica do tempo — sob a figura de uma fera. É um horrendo inimigo (C 32,67) e, para vencê-lo, a Santa propõe um plano de “batalha”. Com um crescendo quase dramático (mesmo no seu equilibrado modo de expressar-se, encontra lugar para o humorismo), diz que é preciso “fritá-lo” (C 20), combatê-lo (C 51), declarar-lhe guerra (C 22), derrotá-lo (C 24,32), expulsá-lo (C 29), quebrar-lhe os chifres (C 59), estudar os meios para matá-lo (C 67) e provocar-lhe a morte (C 51),

Outro gênero de expressão, que usa muito, é a personalização das atitudes, dos vícios, do próprio mal. Não resta dúvida de

que essas figurações traduzem a ascética do século XIX, rica em comparações e personificações. A Santa saberá usá-las em contexto adequado, revelando mesmo rara felicidade em concretizar as idéias.

A morte é o ladrão, de acordo com a figura bíblica (C 24), e é representada como um personagem “familiar” que, com frequência, vem fazer-nos uma visita” (C 56): é a Madame Morte que entra na Casa de Mornese e leva consigo tantas irmãs ainda jovens.

O trabalho é o pai das virtudes (C 22), ao passo que a tristeza é a mãe da tibieza (C 24,28): em outro lugar, a melancolia é chamada de “peste”, filha do amor-próprio, que conduz à tibieza (C 48).

A humildade, ao contrário, é chamada de amiga (C 66), enquanto a soberba é a mestra má (C 66); e a obediência é uma amiga que jamais se deve abandonar (C 67).

Temas fundamentais

A Santa não possui propriamente um sistema de doutrina tampouco um grupo de princípios de alcance universal; possui, ao contrário, uma série de idéias-chave muito simples e elementares, mas fecundas: suas convicções são muito radicais e constantes, traduz em palavras suas experiências de vida.

Não podemos parar para analisá-las. Contentar-nos-emos em agrupá-las de acordo com os temas de caráter ascético. Todos eles devem ser considerados no conjunto da vida e da palavra da Santa (recorde-se, por exemplo, o significado que tem na vida de Madre Mazzarello o tema central de Jesus-Eucarístico).

Deus é o Senhor (como aparece na maior parte das cartas), ou então o Criador com o qual se deve falar muito (C 19).

Jesus é nosso Salvador, nosso Esposo, é aquele que se dá a nós na Eucaristia e, usando uma expressão rica de conteúdo, Ele é, por excelência, nossa força (C 19).

Maria é nossa Mãe, ou antes, nossa Mãe terníssima (C 44), e demonstramos o amor autêntico que lhe temos, imitando suas virtudes, especialmente a pureza e a humildade (C 44).

Em relação ao céu, usa imagens muito expressivas, como já tivemos ocasião de ver: quanto ao conceito, chamamos a atenção para a idéia da identificação que dele faz com a caridade: onde há caridade, aí está o céu (C 49).

O pecado é a maior desgraça que nos possa acontecer, ao passo que a maior graça que a Santa pede para a comunidade é que “nesta casa não se ofenda (o Senhor) nem ao menos levemente, se for possível” (C 3).

Expressa a caducidade e brevidade da vida: “Esta vida é muito breve (C 19). Por isso, é preciso afrontar com coragem as dificuldades da vida, olhando para a eternidade: “Coragem, minhas queridas filhas, esta vida passa depressa” (C 26), as coisas deste mundo “passam” (C 39): “Tudo passa, mas os méritos não passarão nunca... tudo passa; portanto, nada nos deve perturbar” (C 23).

Fala da vizinhança da morte (como de alguém que está perto da comunidade e dela mesma), mas sem usar de termos dramáticos: basta que estejamos preparadas, se queremos ter uma “morte tranqüila” (C 19).

A S A N T I D A D E

Vamos procurar agora individualizar os temas fundamentais relativos à santidade e as virtudes características que a Santa mais inculcava como necessárias, segundo sua concepção ascética. Veremos ainda as normas que traça em relação ao caminho espiritual, no seu dinamismo de crescimento.

A santidade é concebida como “verdadeira ciência”, ou antes, como a única verdadeira ciência (C 19), e os métodos que propõe para alcançá-la são simples e concretos: “... para conseguirmos ser santas e sábias, é preciso falar pouco e refletir muito” (C 19). A Madre especifica depois com quem e como se deve falar para adquirir a sabedoria: “Falar pouco, pouquíssimo com as criaturas: ao contrário, falar muito com Nosso Senhor. Ele tornará vocês verdadeiramente sábias... É preciso falar pouco com as criaturas, pouquíssimo das criaturas e nada de nós mesmas” (C 19).

É muito realista sua concepção da vida religiosa: “Para ser religiosa de verdade, é preciso ser muito humilde em todo nosso modo de agir, e não somente de palavras, mas de fato” (C 40).

A santidade em geral e a virtude em particular são vistas como um modo de ser que brota do interior, e não como um comportamento apenas exterior, particular e esporádico. O que dá consistência às ações é o coração, é a intenção, é a verdade. Portanto, nesse trabalho ascético, devemos “empenhar toda a nossa boa vontade, mas que seja real, decidida, e Jesus fará o resto” (C 25). É preciso trabalhar “por Deus somente” (C 26). Para “agradar a Jesus” (C 19), fazendo tudo com “pureza da intenção” e para “agradar a Ele somente” (C 39), porque, trabalhar somente para Ele é expressão de verdadeiro amor: “Você ama o Senhor? de coração mesmo, trabalha somente (C 3) para Ele?” (C 20).

A densidade desse coração, centro do ser, não permite rupturas, divisões: “Ama todo o mundo e todas as suas irmãs, mas ame-os no Senhor sem dividir seu coração com ninguém: que ele seja todo inteiro de Jesus” (C 65).

Fazer “tudo com reta intenção” significa “alicerçar-se numa virtude verdadeira e sólida” (C 49), porque “não são as palavras que nos levam para o céu, mas antes os fatos” (C 49). As “virtudes” — e, mais precisamente, a atitude que sintetiza esse amar unicamente a Deus e somente para Ele viver e trabalhar — é a “reta intenção” que, na sua mais profunda expressão, coincide com a simplicidade de espírito ou, por outra, com sua profunda e integral pureza.

As virtudes que caracterizam sua ascética

De acordo com a expressão da Madre, todas as virtudes devem ter suas raízes no “coração”, de maneira “sólida e real”, porque não basta “vestir um hábito preto, mas é preciso revestir-se do hábito de todas as virtudes” (C 21).

A Santa desenvolve esse profundo revestir-se do “habitus” virtuoso fazendo-o coincidir com a aquisição progressiva do “espírito que existiu em Cristo”:... “meu coração chora de consolação e continuamente pede ao Senhor derrame suas bênçãos sobre vocês todas, para que possam realmente revestir-se do Espírito do nosso bom Jesus... mas como era o Espírito do Senhor... Era espírito humilde e paciente, cheio de caridade, da caridade própria de Jesus, que jamais o saciava de sofrer por nós...” (C 23).

As virtudes mais recomendadas pela Santa — e que ela costumava colocar em primeiro lugar nos “elencos” que propunha a suas filhas — são a humildade e a caridade. Seguem, por ordem de importância, e sempre em relação com essas virtudes, a obediência, o trabalho, o desapego de si mesma e das criaturas, o espírito de sacrifício, a pureza, a paciência, a modéstia, etc.

Antes de tudo é preciso (para alcançar a plenitude espiritual) ser humildes, caridosas, amantes do trabalho (C 15)... Antes de tudo, a humildade deve ser uma virtude muito querida, ou antes, “seja para você a virtude mais cara” (C 67). Humildade e caridade são as virtudes “mais necessárias (C 39). Deve-se fazer notar aqui uma “Consciência progressiva” — relativa talvez à sua experiência de vida — das características que devem “qualificar” essas mesmas virtudes. É que, a princípio, a Madre fala indistintamente da humildade e da caridade; pouco a pouco, porém, referindo-se a elas, com frequência as qualifica especificamente: verdadeira humildade, grande caridade (C 52,55,56,60,66).

A oração

Entre as imagens mencionadas, falamos da oração como “arma” de combate nesta vida, isto é, como um meio. Ela é tam-

bém uma “linguagem”, uma maneira de dirigir-se a Deus (C 19). Assim compreendida, a oração é a maneira de adquirir a sabedoria, é antes a condição indispensável. “Fale muito com Nosso Senhor. Ele lhe fará adquirir a sabedoria” (C 19). A oração participa também — como expressão vital — da característica fundamental de que depende sua autenticidade: deve partir do mais profundo do ser, porque é preciso rezar, mas “de coração”.

O tema da alegria está presente em todas as suas cartas de caráter ascético, e não somente uma vez, mas volta continuamente. Considerando a insistência sobre esse tema, os contextos em que aparece, a relação que tem com as outras virtudes, parecem poder afirmar que o “estar alegre”, o “estar sempre alegre”, o “conservar a comunidade alegre”, o “estar alegre e dar alegria aos outros”, na linguagem da Santa, não significa apenas um ato virtuoso nem tampouco um estado transitório de alma. Do estudo feito das cartas da Madre, parece-nos poder afirmar que o “estar alegre” é como o alicerce de todo o seu ensinamento espiritual, é um estado de espírito permanente, é um estado habitual de “santa alegria”, é sinal de um coração que ama verdadeiramente o Senhor”.

Ser “alegre” não significa um momento de júbilo ou de satisfação em nível meramente psicológico: é o resultado de uma perfeita integração entre os componentes psicológicos, espirituais e morais da pessoa, que alcança assim um grande equilíbrio íntimo (que nesta vida não alcança nunca o grau de estabilidade e equilíbrio perfeitos), que não deixa cair, nem na vã exaltação de si mesmo, nem no dobrar-se sobre seu próprio eu.

No plano ascético, “ser alegre” é o resultado de uma verdadeira humildade, de uma grande caridade, de uma serena aceitação de si mesmo e da realidade em que se vive, de uma constante busca de Deus, com um amor incessantemente purificado.

O método que leva a adquirir e a conservar a santa alegria é o da simplicidade ou “retidão” da vida. “Para estar alegre, é preciso ir para a frente com simplicidade, não procurar satisfações, nem nas criaturas nem nas coisas deste mundo, mas cumprir o próprio dever por amor de Jesus” (C 21). “Estudando as línguas deste mundo, estudem a linguagem da alma com Deus”.

O caminho espiritual

O “caminhar para a frente com entusiasmo” é a expressão concreta do itinerário espiritual apresentado pela Madre.

Partindo da constatação realista de que “somos miseráveis e não podemos ser perfeitas” (C 55), a Santa apresenta uma norma simples mas que encerra um compromisso: “Não basta começar, é preciso continuar, combater continuamente cada dia” (C 16).

Nesse constante “caminhar para a frente”, os “defeitos” aparecem, não mais como “obstáculos”, mas precisamente como meios, mesmo se não se pode “assinar a paz” com eles (C 14): se os combatemos com boa vontade, são eles que nos devem ajudar a ir para a frente, contanto que tenhamos uma verdadeira humildade (C 25).

Os limites da criatura não lhe podem obstacular o crescimento, são antes um meio para o conseguir.

A Santa não separa nunca essa atitude de luta contínua de um abandono sempre mais consciente. São características as expressões: “tenha coragem”, “é preciso agir com muita humildade e confiança” (C 55), “jamais desanimar, e recorrer a Jesus com humildade”, “lançar no seu Coração os próprios aborrecimentos (penas, necessidades)”. Ele — nossa força — “há de dar-nos a força para combater” e, finalmente, “irá consolar-nos” (C 56).

NOTAS

(1) “Antes da fundação do Instituto, Madre Mazzarello não se correspondeu com ninguém, mesmo porque... não sabia escrever. Fundado o Instituto, em 1872, com a idade de trinta e cinco anos, aprendeu essa arte e começou a escrever a Dom Bosco e ao P. Cagliero. (Santa Maria D. Mazzarello. Vol. II, 259-260).

(2) A figura de Dom Bosco não precisa de apresentação. De 1874 em diante, ele tinha criado a figura do Diretor Geral das FMA, como seu representante. O primeiro desses Diretores Gerais foi o P. João Cagliero, um dos “quatro primeiros” que aderiram à idéia de Dom Bosco de fundar uma Congregação para a educação da juventude e que, desde 1854, começaram a ser chamados de “salesianos”. Em 1873, foi laureado em teologia na Universidade de Turim. Em 1874, Dom Bosco mandou-o para Mornese; em seguida, em 1875, partiu como chefe da primeira expedição dos Salesianos para a Argentina. No ano seguinte, Dom Bosco, que o apelidara de “homem providencial”, chamou-o novamente à Itália, como Diretor espiritual da Congregação; mas era outro o campo que a Providência lhe destinara. Em 1884, Leão XIII nomeou-o bispo titular de Magida e lhe confiou o Vicariado Apostólico da Patagônia; em 1904, Pio X confiou-lhe a primeira visita apostólica nas dioceses de Tortona, Piacenza, Albenga, Savona, enviando-o depois como Ministro plenipotenciário e Delegado Apostólico da América Central; em 1915, Benito XV chamou-o para nomeá-lo Cardeal e o destinou às Congregações dos Religiosos, da Propagação da Fé e dos Ritos; em dezembro de 1920, foi nomeado bispo da diocese suburbicária de Frascati. Morreu em Roma em 1926. Pode-se dizer que, de diversas maneiras, o Cardeal Cagliero acompanhou durante toda a sua vida, e com particular cuidado, a atividade do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. É digno de grande valor espiritual e dos quais a Congregação salesiana tinha grande necessidade naqueles anos.

(3) Cf. C 6; 22; 26; 64.

(4) A autora é Madre Henriqueta Sorbone, mulher de vigorosa têmpera moral, autêntica educadora salesiana, que se tornou depois Vigária Geral do Instituto.

(5) Clemente Romano (séc. I), ai Corinzi, em Corti G., *Padri Apostolici* (Roma 1966), 48-49.

(6) “Queridas irmãs”, “filhas amadas”, “Minha boa...”, “Minha cara...”, “minha sempre querida”, “minha boa e querida...”.

(7) Você vai defrontar-se com alunas ainda jovens e com outras mais maduras, alunas, revestidas ou não do hábito religioso. Cada uma traz sua dose de boa vontade e as suscetibilidades do seu amor-próprio. Entre todas, a que mais sobressai, pela superação de si mesma e pelo aproveitamento, é a Vigária, embora tenha a mão um tanto pesada para a escrita.

(8) Nas cartas de S. M. Domingas encontram-se efetivamente conceitos tirados da Sagrada Escritura. Pode-se notar que as referências escriturísticas (mesmo quando não explícitas) provêm especialmente dos livros sapienciais e das cartas paulinas.

(9) ... quando acontecia um fato extraordinário, como a aceitação de uma nova Irmã, ou uma conferência de algum sacerdote ou o P. Sturla, P. Frassinetti, ou P. Olivieri, ou o próprio P. Pestarino — reuniam-se geralmente na capelinha do P. Pestarino. O missionário P. Luís Sturla, de Gênova, e o P. Olivieri, de Acqui, pertenciam ao benemérito grupo que, como o P. Frassinetti, infundiam em toda a Ligúria um espírito sério e sólido de piedade, com a pregação, a confissão, o luminoso exemplo de dedicação e sacrifício; o P. Pestarino convidava-os com freqüência a vir a Mornese, justamente para que o ajudassem a reavivar o fervor no meio do povo, bem como para que ensinassem às Filhas de Maria Imaculada as diferentes maneiras que eles sabiam mais eficazes para operar o bem, sob variadas formas”. Cronistória, Vol. I, 75-76.

(10) “A doutrina de Frassinetti, em substância, é a de Santo Afonso de Ligório, embora ele não seja, como o declara no seu prefácio, um admirador cego. Os vinte anos que levou para redigir seu *Compendio della teologia morale di S. Alfonso M. dei Liguori, con apposite note e dissertazioni* (2 vl. Gênês 1865-1866 11 A ed. adaptada, Turim 1948) e a prática assídua do confessoriano durante quarenta anos deram-lhe o direito de falar como homem de ciência e de experiência” (Muzzi F., Frassinetti G., em *Dictionnaire de Spiritualité* (Paris 1964), Tome V, col. 1139).

(11) Diretamente, a “Vida”. Indiretamente, talvez parte do “Caminho da Perfeição”, como o “Pater Noster”, comentado por Frassinetti e as “Amizades espirituais” segundo S. Teresa, publicadas pelo próprio autor. Podemos afiançar que conhecia a maior parte das obras ascéticas de Frassinetti. Consultem-se a respeito: FRASSINETTI G., *Opere ascetiche* (Roma, 1912), 4 vol. Para uma bibliografia mais completa sobre o autor: CAPURRO G., *FRASSINETTI G. e l'opera sua*. Estudo crítico com um catálogo geral das obras publicadas e inéditas (Gênova 1908).

(12) Para fonte do pensamento religioso de Dom Bosco, cf. STELLA P. *Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica* (Roma 1969-70), 2 vol. Cf. ainda DESRAMAUT, F., *St. Jean Bosco*. em *Dictionnaire de Spiritualité* (Paris 1972). Tomo 8, col. 91, 303; VALENTINI E., *Don Bosco e Sto. Alfonso dei Liguori* (Nápoles 1972).

(13) CAVIGLIA A., *Santa Maria Mazzarello* (Turim 1938), 16.

(14) *Sub sapienti sancti eiusdem magisterio*”. Pio XI, *Littera de Apostolicae in S. R. Congregatione canonizationis B. M. D. Mazzarello, Positio super tuto*, p. 2.

(15) “Viva Jesus!” “V.J.M.J.”, “Viva o Menino Jesus na Itália, na América, em todo o mundo”.

(16) “Sr. Maria Mazzarello”. “La povera Sr. Maria Mazzarello”, “La Madre”, “Sr. Maria Mazzarello, la Madre”, “Vostra aff.ma Madre in Gesù”... etc.

Í N D I C E

Apresentação	5
O CARISMA SALESIANO FEMININO	5
Introdução	7
1. Deus prepara o caminho do Instituto — Maria Mazzarello	8
Situação da Itália no século XIX	8
Mornese e Maria Mazzarello	10
Seus pais	11
Seu Diretor Espiritual	12
A juventude de Maria Mazzarello	14
Filhas da Imaculada	16
2. Encontro de dois santos: um mesmo carisma	20
Dom Bosco e Maria Mazzarello	20
O Sistema Preventivo em Maria Mazzarello	21
Com Dom Bosco — o desabrochar do Instituto das F. M. A.	23
M. Mazzarello na primeira comunidade de Mornese	24
Fidelidade criativa	25
Espírito de discernimento	27
3. Dinamismo da experiência de Deus em Maria Mazzarello —	
Considerações	29
O Deus de M. Mazzarello	30
Vida eucarística	31
A caridade	31
Vida de oração	32
A piedade mariana	33
A humildade	34
A alegria	35
A abnegação	36
A vida consagrada	38
Ação apostólica	40
EXPERIÊNCIA FEMININA DO CARISMA SALESIANO	45
Caminho espiritual e apostólico no itinerário de sua vida	46
No seu ambiente familiar	46
Na atividade paroquial	48
A doença	48
Mudança de “Caminho”	49
O encontro com Dom Bosco	50
Filha de Maria Auxiliadora, salesiana de Dom Bosco	51
A experiência feminina do Carisma Salesiano	52

CARTAS DE SANTA MARIA MAZARELLO	55
As cartas — ambiente histórico-espiritual	55
Contexto histórico-espiritual	55
Os destinatários	57
— Aos Superiores salesianos	57
— Às F. M. Auxiliadora	58
— Várias	58
Preparação da Santa para escrever	58
Estilo e estruturas das cartas	59
Os meios de expressão	61
Temas fundamentais	63
A SANTIDADE	64
As virtudes que caracterizam sua ascética	65
A oração	65
O caminho espiritual	66

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30.439
SÃO PAULO

COLEÇÕES DE CARÁTER POPULAR

No mercado de livros de nossas editoras não são freqüentes as publicações para jovens e adultos de reduzida instrução e em precárias condições econômicas. Precisamos hoje de publicações:

- de fácil compreensão (linguagem ao alcance de todos);
- de poucas páginas;
- de baixo preço;
- que tratem de assuntos atuais.

COLEÇÃO MUNDO NOVO

Inspirada nas **Leituras Católicas** fundadas, em seu tempo, por Dom Bosco, é uma série de opúsculos que correspondem às exigências das pessoas de menor recurso. Párocos, catequistas e grupos eclesiais (jovens e adultos), têm nesta coleção um valioso instrumento de propagação da mensagem cristã.

Títulos até agora publicados:

1. A. L'Arco, **Deus existe mesmo?**; 2. Grupo Abel, **Prevenir contra o uso da droga**; 3. C. Riggi, **A mensagem dos primeiros mártires**; 4. M. Davério, **Os jovens e a sociedade**; 5. I. Ferreira, **Eucaristia no tempo e na eternidade**; 6. I. Ferreira, **Convite à oração**; 7. C. Gatti, **Mensageiros de Deus na família**; 8. G. Sangalli, **Como educar hoje?**; 9. A. Fanuli, **Você conhece Jesus?**; 10. F. Refatto, **Confessar-me? Por quê?**; 11. J. Zevini, **A Bíblia, palavra de Deus aos homens**. Outros em preparação.

COLEÇÃO MESTRES DA VERDADE

Baseada essencialmente nos pronunciamentos do Papa João Paulo II, a série de opúsculos desta coleção, tem um caráter principalmente de reflexão sobre os problemas atuais que atingem às pessoas situadas nas mais variadas funções sociais (o jovem, o trabalhador, o religioso consagrado, o leigo cristão atuante, o catequista, o episcopado).

Títulos até agora publicados:

1. João Paulo II, **Aos Jovens**; 2. João Paulo II, **Aos Trabalhadores**; 3. João Paulo II, Paulo VI, Puebla, CNBB, **Vocação e Ministérios na Igreja**; 4. João Paulo II, **Aos que sofrem**; 5. João Paulo II, **Vida Religiosa Consagrada**; 6. João Paulo II, **Os Bispos na Igreja**; 7. João Paulo II, **Novos Rumos da Catequese** (com o Elenco das Proposições do Sínodo de 77). Outros em preparação.

Editora Salesiana Dom Bosco

(Rua da Mooca, 766)
C.P. 30.439
01000 São Paulo (SP)
Fone: 279-1211

Livraria Salesiana Dom Bosco

(Praça da Sé, 17)
C.P. 30.439
01000 São Paulo (SP)
Fone: 32-0916